

REVISTA **Bzzz**

ANO 4 | Nº 45 | MARÇO DE 2017 | R\$ 12,00

FERREIRA ITAJUBÁ

Vida e obras do misterioso poeta e boêmio da Ribeira

EUA EM NATAL

Costumes e expressões que surgiram na 2ª Guerra

JESIEL FIGUEIREDO

O revolucionário ícone do teatro potiguar



DEPOIS DA
ONÇA MORTA
TODO MUNDO
METE O PAU

É COM O ANDAR
DA CARROÇA QUE
AS MELANCIAS
SE AJETAM

QUER SABER?

DITOS, EXPRESSÕES, ADÁGIOS OU FRASES DE PARA-CHOQUE, A LINGUAGEM POPULAR OFERECE TERMOS QUE EXPRESSAM COSTUMES E VIVÊNCIAS DE POVOS E, POR ISSO, CONHECER SUAS ORIGENS É UMA VIAGEM NO TEMPO, CULTURAS E RAÍZES



Ações da Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres do RN no combate à violência contra a mulher e a desigualdade de gênero: reativação do Comitê Estadual de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher; instalação da Câmara Técnica da Mulher em situação de prisão; Fórum Estadual de enfrentamento à violência contra a mulher do campo, da floresta e das águas; atendimento móvel contra a violência (Natal, Mossoró, Assu, João Câmara, Touros, Carnaubais, Vera Cruz e Campo Grande); I Seminário Construindo Estratégias de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.

VIOLÊNCIA

CONTRA A MULHER:

OU VOCÊ DÁ UM BASTA

OU PASSA ADIANTE

O PROBLEMA.

 spm.rn.gov.br



ARTEC

SE VOCÊ NÃO FALAR,
A VIOLÊNCIA
VAI CONTINUAR.
LIGUE E DENUNCIE.

 | DISQUE DENÚNCIA
0800 281 2336



**GOVERNO
DO ESTADO
DO RIO GRANDE
DO NORTE**

Secretaria de Políticas
Públicas para Mulheres do RN



LEGISLAR



FISCALIZAR



JULGAR

Elaborar e aprovar leis, fiscalizar as ações do Poder Executivo e julgar os atos de competência estadual, além de discutir importantes temas para a população, como saúde, segurança, educação e finanças. Este é o trabalho da Assembleia Legislativa, a Casa do Povo Potiguar. Aqui, a população ainda tem garantidos e valorizados seus direitos, através do atendimento gratuito do Procon, das ações da Assembleia Cidadã e Cultural, e do incentivo à educação na Escola da Assembleia. Trabalho que você vê na tv, rádio e internet.



**ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA DO
RIO GRANDE
DO NORTE.
SEMPRE AO
SEU LADO.**



www.al.rn.gov.br
 f t i assembleiarn

Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

SABIDA TODA

NUM SE AVEXE NÃO, visse? Se avexe não que amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada, e quem morre de véspera é peru de Natal. Tendo na mente as mais certas sabedorias populares, a RevistaBzzz tem convicção que é com o andar da carroça que as melancias se ajeitam. Mas chega de conversa pra boi dormir que o objetivo aqui é dizer que esta edição é especial e o motivo é que bem na capa e no recheio, a nossa preciosa matéria-prima é o destaque: A PALAVRA. Se contar histórias é nosso dom, como elas são contadas ganham ainda mais charme pelas sábias construções populares, também chamadas máximas, ditos ou expressões. E como a Bzzz é mais viajada que cavalo de cigano, além do destaque do mês, tem assunto aqui pra mais de ano.

E vamos voltar ao passado que de memória a gente entende. Pra começar, um assunto que parece, mas não é. Ou melhor, parece uma série de números franceses, mas são os nomes de batismo de uma família inteira da cidade de Mossoró (RN). Do interior para Natal, poeta danado de bom, boêmio nato e cheio de mistérios Ferreira Itajubá ganha as páginas da Bzzz. E por falar em cultura, da escrita aos palcos, revivemos também o inesquecível Jesiel Figueredo, figura ímpar e que revolucionou o teatro potiguar. Ainda do passado que sempre merece ser resgatado, a cultura dos Estados Unidos que ficou em Natal desde a chegada dos militares durante a 2ª Guerra Mundial.

Ainda nesta edição, temos entrevista com o jornalista brasileiro das grandes reportagens e aventuras, Francisco José. A beleza e impacto da dança tribal do grupo Shaman, considerado um dos melhores do Brasil no estilo. O editorial de arquitetura traz o talento do arquiteto Matheus Bullhões. Já na seção de moda, a magia da renda, tecido nobre que encanta pela delicadeza. E mais: política, cultura, gastronomia, turismo e toda a diversidade de assuntos que o veículo sempre apresenta. Deleite-se!

Equipe Bzzz



EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaaabelhinha.com.br

@revistabzzz
 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ANNA KARLA FONTES, CÍCERO OLIVEIRA,
LEONARDO DANTAS, LOUISE AGUIAR,
MARINA GURGEL, NICOLE BIGGI LEMES,
OCTÁVIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA,
VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
BRUM

FOTOS
CÍCERO OLIVEIRA, EVERSON ANDRADE,
JOÃO NETO, ALEX COSTA, AZOUGUE,
ANA JÉSSICA, TIAGO LIMA E GREIS FERREIRA

GRÁFICA
UNIGRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

Vantagens de ter uma

CIE 2017:



Vantagens exclusivas que só a **VERDADEIRA** carteira estudantil garante a você, estudante!

- ✓ **A única com base na legislação federal**
- ✓ **Meia-entrada garantida por lei, nacionalmente**
Lei 12.933/2013 | Decreto 8.537/2015
- ✓ **Meia-passagem**
- ✓ **Segurança física e digital**
- ✓ **Descontos especiais em:**
Saúde, Educação, Alimentação, Lazer, Academias e Variedades.

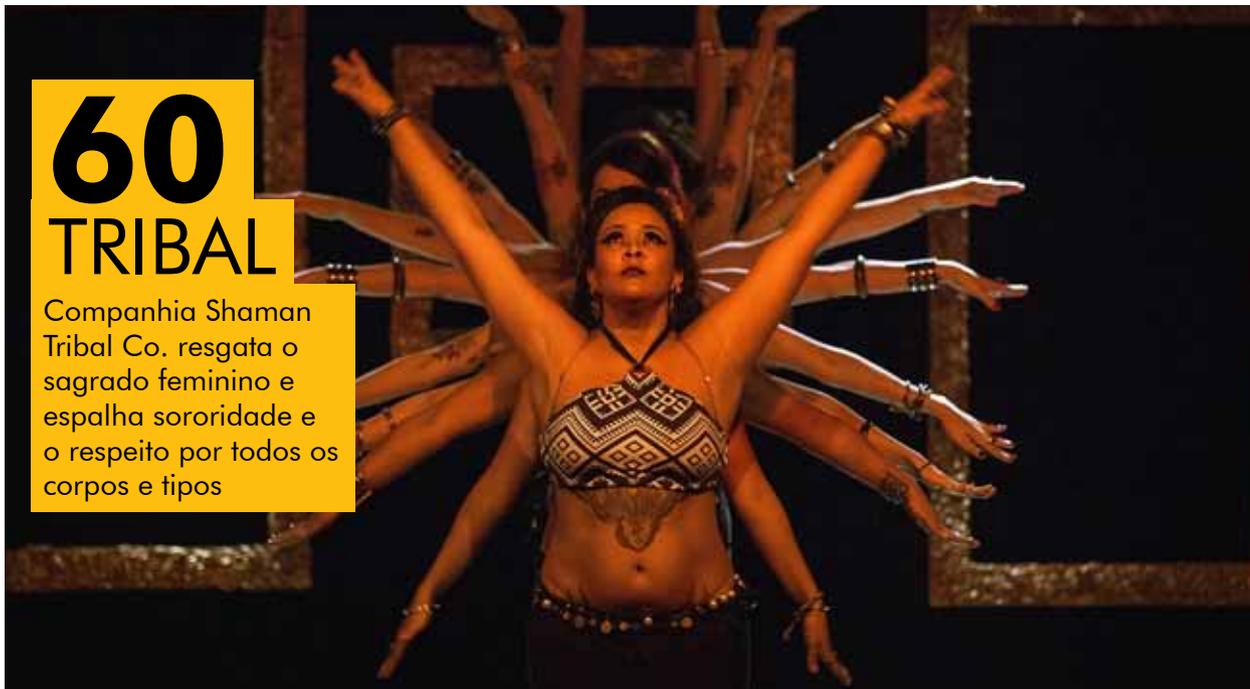
Faça já a sua. Acesse:

www.portaldouestudentenatal.com.br



60 TRIBAL

Companhia Shaman Tribal Co. resgata o sagrado feminino e espalha sororidade e o respeito por todos os corpos e tipos



18 JORNALISMO

Ícone das grandes reportagens, Francisco José lança livro contando suas muitas e inusitadas histórias



78 EXEMPLO

Comerciante que tem emocionante história de vida cria espaço para leitura em via pública, com uma “gelateca” ao lado do seu trailer de lanches



42 POLÍTICA

Assembleia Legislativa do RN vai convocar concursados até abril deste ano



82 MODA

Renda: beleza e delicadeza do tecido nobre



96 SUCESSO

Lançamento da Revista Bzzz que trouxe na capa a empresária Tereza Tinoco

PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





ELIANA LIMA



Waldemir Barreto/Agência Senado

URNAS POTIGUARES

Os planos do PT para 2018 incluem candidatura própria ao governo do Rio Grande do Norte. A alta cúpula do partido do ex-presidente Lula da Silva já escalou a senadora Fátima Bezerra para a missão. Caso não vingue, ela volta ao Senado Federal, para mais quatro anos de mandato.

PARCERIA

A candidatura de Fátima Bezerra ao governo potiguar demanda alianças. Diálogos com a deputada federal Zenaide Maia (PR) já foram travados. A ideia seria lançar a parlamentar, única dentre os deputados potiguares a fazer oposição ao governo de Michel Temer, para o Senado.

LINHA E AGULHA

A dobradinha Fátima Bezerra (PT) e Zenaide Maia (PR) para governo e Senado, respectivamente, pode deixar o caminho livre para o irmão João Maia (PR) volta à Câmara dos Deputados.

MUDANÇA

E Zenaide Maia pode disputar as próximas eleições por outro partido. Desde que votou contra o impeachment de Dilma Rousseff, contrariando a orientação do PR, que sua permanência no partido está insustentável. Mais ainda porque a legenda apoia o governo Temer e Zenaide vota contra projetos do governo, como, por exemplo, a PEC 55, que cria teto para os gastos públicos.



Divulgação

VIÉS DE ALTA

Em consequência da insustentável permanência no PR, Zenaide já foi procurada por vários partidos. Que também querem a adesão do marido da deputada, Jaime Calado, ex-prefeito de São Gonçalo do Amarante que deixou o comando do município, após oito anos de administração, com excelente aprovação.

POIS BEM

Os convites já partiram de partidos como o PMB, Solidariedade, PRP, PSC, PTC e PV. Enquanto isso, Jaime Calado, politicamente comedido, está só ouvindo. Depois de analisar pormenores é que decidirá o destino político dele e da mulher.

PENSANDO BEM

Por falar em PT, as estratégias locais do partido para 2018 incluem também a vereadora Natália Bonavides, eleita com votação expressiva em Natal. Estudiosa e determinada, goza da simpatia dos petistas mais jovens. É carta na manga da legenda para o pleito que se aproxima. O espaço ainda não é certo, mas seu nome como candidata, sim.

COSTURANDO

A passagem do ex-governador do Espírito Santo Renato Casagrande (PSB) pelo Rio Grande do Norte deixou claro que o partido pretende lançar candidato próprio na disputa presidencial do ano que vem. A ideia da legenda é ofertar “uma candidatura sem relação com a Lava Jato”. O PSB aposta na intolerância dos brasileiros aos desvios investigados para chegar lá.



DE NATAL AO OESTE

Ainda na sua passagem por Natal, Renato Casagrande (PSB) afirmou que a prioridade do partido no RN é reeleger o deputado federal Rafael Motta (PSB) e, de quebra, conquistar mais uma cadeira dentre as oito do estado na Câmara dos Deputados. Vereadora de Mossoró, a ex-deputada federal Sandra Rosado é nome certo da legenda para tentar retornar ao cargo que já ocupou por três legislaturas.

PREFERÊNCIA

Sondado por diversos partidos políticos para disputar o governo potiguar em 2018, o empresário Marcelo Alecrim, mandachuva da ALE, quarta maior distribuidora de combustíveis do Brasil, que foi vendida ao Grupo Ultra, tem sido enfático: nananinã. Seus planos para o futuro não excluem o ingresso na vida pública, mas quer permanecer com foco na iniciativa privada. Política só se permitir a conciliação das outras atividades.



SINAIS

Na semana da votação do projeto da terceirização, a liderança do PMDB na Câmara dos Deputados ficou a cargo do deputado carioca Pedro Paulo, que perdeu as eleições para prefeito da cidade maravilhosa. Nos bastidores da Câmara, corre que ele não foi tão aplicado na missão, a contar que dos 64 deputados do partido, 22 não apareceram para votar. Dizem que o Palácio do Planalto entrou em desespero e que não aguenta outro susto tal.

HUUUMMM

E por falar em deputado carioca... dois do Rio de Janeiro estão deixando as moças bonitas da Câmara suspirando no ar. Quando Alessandro Molon (REDE) ou Glauber Braga (PSOL) aparece para falar na tribuna do parlamento, os grupos de WhtasApp ficam ouriçados. De tantas fotos dos guapos. As moças comentam que o estilo bravo dos dois é de fazer qualquer mulher apaixonar-se.



Dix-Huit...

Dix-Sept...

Vingt...

Vingt-Un...

Não é número, É NOME

Por Marina Gurgel
Fotos: acervo Azougue

Em Mossoró (RN), família Rosado batizou filhos com nomes de números franceses. Muitos deles fizeram história na região



QUE O BRASIL É um país de enorme diversidade de cores, etnias e culturas é fato incontestável. Somos um povo que não tem medo de adotar determinados costumes e hábitos. No século XXI, por exemplo, a cultura estadunidense é bem presente no dia a dia: nas músicas, no cinema, nos *outdoors*, linguagem e diversos símbolos. Cada período, a seu modo, guarda tendências e influências estrangeiras.

Se nas décadas mais recentes os costumes dos Estados Unidos se expandiram pelo mundo, tempos atrás eram os franceses que dominavam. Desde suas vestimentas, que fascinavam damas e cavalheiros da sociedade, às iguarias. Cultivar hábitos da França era *très chiq* em terras brasileiras – de norte a sul, das capitais ao interior.



Jerônimo Rosado, patriarca da família



Casamento de Nogueira Rosado e Neide - 1970

Dos números aos nomes

Levados pela influência francesa da época (século XIX), uma família potiguar adotou comportamento um tanto incomum. Em Mossoró, na região Oeste do Rio Grande do Norte, o patriarca da família Jerônimo Rosado, nascido no dia 8 de dezembro de 1861 em Pombal, Paraíba, inventou uma maneira diferente de dar nome aos filhos. Farmacêutico e pesquisador, precisava aprender francês e também língua latina, para que pudesse conduzir melhor seus estudos, já que a maioria dos livros da área era

escrita nesses idiomas.

Segundo o historiador Geraldo Maia, que possui uma biblioteca especialmente voltada para a história de Mossoró, com o domínio das línguas e instigado pela influência francesa, Jerônimo sentiu-se inspirado para batizar seus filhos com nomes de numerados latinos e, em sua maioria, franceses.

No leito de morte, Maria Amélia Henriques Maia, primeira esposa e com quem Jerônimo teve três filhos, pediu à irmã Isaura (17 anos de idade à época) que, caso

morresse, ela ocupasse seu lugar. Maria não queria que seus filhos ficassem sob a responsabilidade de uma desconhecida. Passado o período de luto e atendendo ao último pedido da falecida companheira, Jerônimo Rosado pediu a mão da cunhada em casamento. Assim, deu continuidade à união das duas famílias, bem como a descendência. Com ela, teve mais dezoito filhos. A partir do terceiro herdeiro com Isaura (e o seu sexto), começou a tradição dos números franceses na família. Ao todo, foram doze homens e nove mulheres.



Vingt-un Rosado, América e filhos



Residência de Treizième Rosado, em 1970

Desde Seize a Vingt-un Rosado, muitos foram os números franceses que batizaram os filhos de Jerônimo e Isaura. “Com os mais jovens, o pai nem variava mais o primeiro nome. A partir do décimo quinto, todos os homens foram chamados de Jerônimo, nome que tinha herdado do seu pai, Jerônimo Ribeiro Rosado, e que estava repassando para os seus filhos. Era Jerônimo seguido do número correspondente até Vingt-un (vinte e um). Cinco mulheres, antes de seu ordinal, receberam o nome da mãe. Um dos homens, o nono, foi chamado de Isauro. A família teve ainda Tércio, Maria, Vicência - que era o nome da avó materna



Geraldo Maia, historiador

-, três Laurentinos, só um deles numerado, e Laurentina”, escreveu o historiador Geraldo Maia,

autor no livro “O criador do País de Mossoró – uma biografia de Vingt-un Rosado”.

Ilustres nomes franceses

A família Rosado fez inúmeras personalidades que, cada uma a seu modo, contribuíram para a formação social, política e histórica de Mossoró. Entre elas, Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, que nasceu no dia 21 de maio de 1912. Ele foi médico do serviço de saúde da Polícia Militar, prefeito de Mossoró, deputado estadual, deputado federal e senador da República. Dix-Huit morreu quando

exercia o terceiro mandato como chefe do Executivo municipal, no dia 22 de outubro de 1996, aos 84 anos. Outras presenças políticas de destaque da família foram o governador Dix-Sept Rosado e o deputado federal Vingt Rosado. Este último é pai da atual vereadora de Mossoró Sandra Rosado, ex-deputada federal, e avô da deputada estadual Larissa Rosado.

De todo modo, a família

Rosado tem atuação em outras áreas da vida pública. Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, por exemplo, foi um conhecido agrônomo, pesquisador e criador do projeto cultural “Coleção Mossoroense”, que editava livros históricos. Foram mais de três mil publicações. Amante da arqueologia, estudioso e conhecedor da área, Vingt-un também guardava uma tradição bem particular. Nas suas pesquisas



Dix-Sept Rosado



Dix-Huit Rosado



Vingt-Un Rosado



Jaime Hipólito, Souza Luz, Vingt Rosado, Antônio Rodrigues de Carvalho - 1958



Duodécimo Rosado

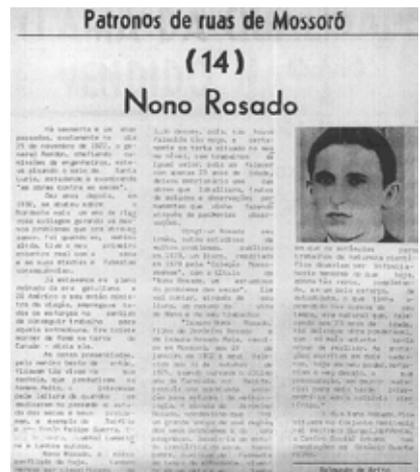
em sítios arqueológicos, costumava colecionar fósseis e expor em uma parede de sua antiga residência. Apesar das reformas, a parede foi conservada e ainda é possível encontrar os artefatos expostos.

Essa família exerce grande influência não apenas na cidade de Mossoró, mas por toda a região potiguar. Além disso, homenagens à descendência Rosado estão por toda parte. Um dos exemplo é o município próximo a Mossoró, que recebeu o nome de Governador Dix-Sept Rosado. Já Dix-Huit Rosado Maia dá nome ao Teatro Municipal, localizado no corredor cultural mossoroense. Ruas, bairros, praças e escolas recebem nomes de diversas personalidades da família. Apesar de não ser comum, essa tradição diferente de dar nomes franceses concedeu à família Rosado uma característica única, já que não há nenhum outro registro desse tipo de costume na região.

A Wikipédia – enciclopédia livre, famosa fonte da internet -, ao contar a história de alguns desses personagens e seus nomes, chamou a ideia de “extravagância incomum no registro civil brasileiro”. O fato é que, no país de Mossoró, nem todos sabem como nem por quê, mas esses nomes franceses são incorporados de maneira muito natural ao dia a dia local, em mais uma curiosidade que deixa a aura do lugar tão peculiar, seja no seu pioneirismo, seja na sua resistência, seja nas suas invenções particulares.



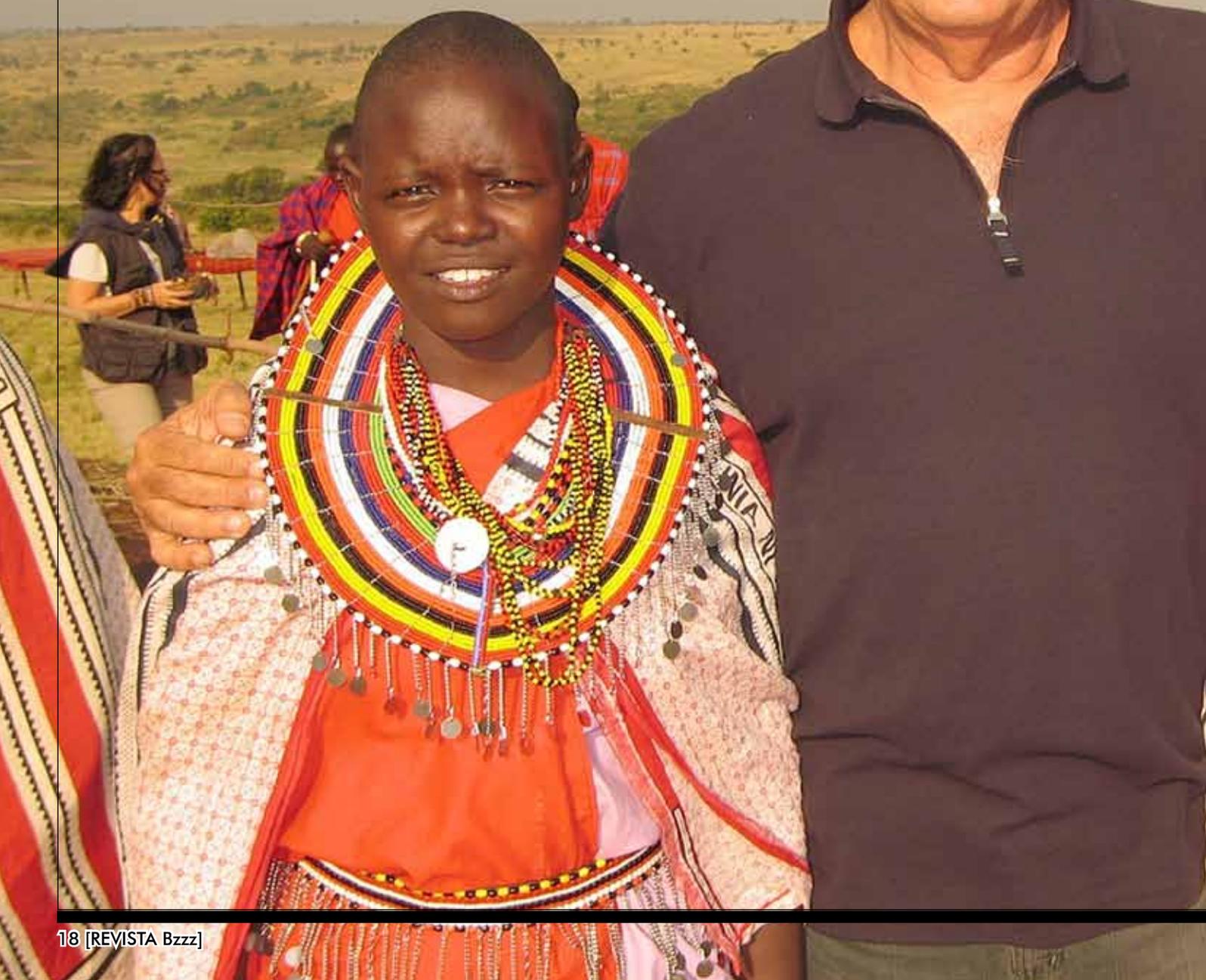
Família sempre foi destaque na imprensa



O homem de muitos CODINOMES

Francisco José, “repórter aventureiro” e “mensageiro da miséria”, narra suas muitas memórias em um livro comemorativo

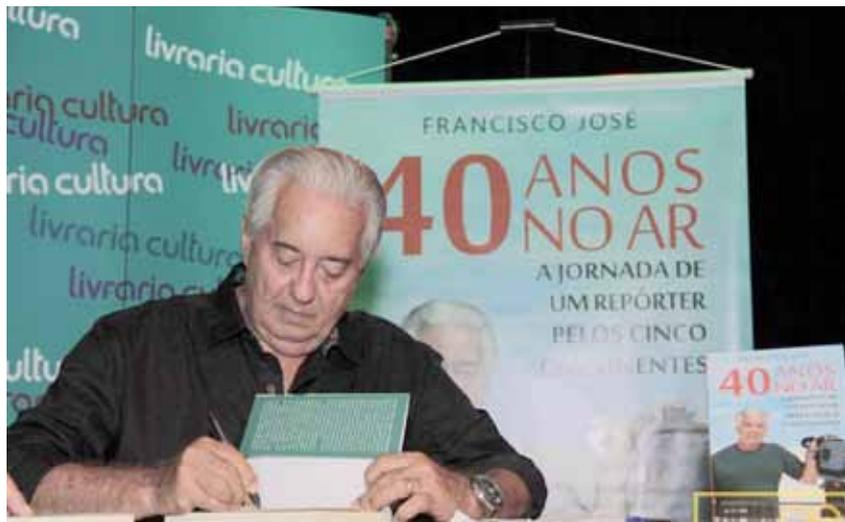
Por Nicole Biggi Lemes





CELEBRANDO SEUS 40 ANOS de jornalismo pela Rede Globo, Francisco José esteve em Natal no mês de março, lançando seu livro “40 anos no ar”, uma coleção de histórias inusitadas e fantásticas sobre suas viagens ao redor do mundo. O jornalista fez grandes coberturas, como a Guerra das Malvinas e seis Copas do Mundo, mostrou ao Brasil inteiro animais exóticos de tamanhos gigantescos como o Gorila do Alto das Montanhas e civilizações indígenas de costumes peculiares. Tudo isso sem perder o pique e com altas doses de coragem, sendo então conhecido como o “Repórter Aventureiro”, título que tem com muito carinho. Carrega consigo a grata satisfação por ter sido indicado ao Emmy Internacional, no ano de 2013, com a reportagem sobre a rotina e os rituais dos índios Enawenê-Nawê.

O livro, já lançado em diversas capitais, reúne suas aventuras pelos cinco continentes, atravessando os sete mares, Francisco José conta que viver experiências incríveis e poder contá-las para todo mundo foi sua motivação para escrever. “Minha decisão em escrever o livro surgiu, primeiro, da insistência de amigos e da minha família, porque sempre que eu volto de uma viagem eu fico contando. Depois, meu interesse em deixar registrado num livro a minha vivência em 40 anos trabalhando como repórter especial de uma emissora que é considerada a maior emissora do país”, declara após contar sobre sua recente viagem a Micronésia, país da Oceania composto por mais de 600 ilhas. “A partir de segunda-feira eu vou editar um globo repórter que nós gravamos na Micronésia, como foi viajar 39 horas para chegar num arquipélago no meio do oceano pacífico onde vivem 12 mil pessoas, realizar cerca de 30 mergulhos com animais completamente diferentes, descobrir moluscos com mais de 100 anos de vida, entrar em navios afundados durante a segunda guerra mundial ainda cheios de bombas, ir às ilhas onde os japoneses resistiram durante quatro meses ao bombardeio americano. As pessoas me perguntam como foi estar em lugares como esse”, conta.



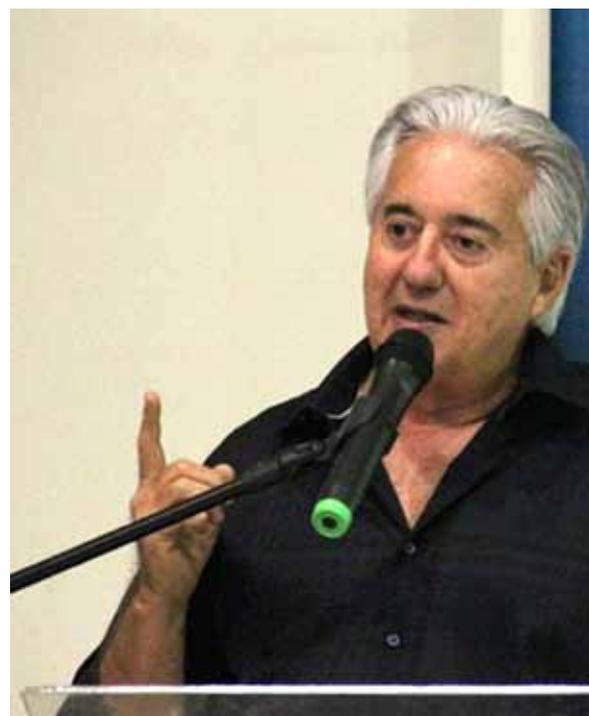
Francisco José autografa seu livro

E para escrever o processo foi simples. As ideias surgiram com facilidade porque tudo aquilo foi vivenciado, além das inúmeras anotações de datas e nomes específicos que são guardados com muito cuidado. “Para o processo de escrita eu pedi um mês sabático a Globo e em 24 dias eu escrevi o livro porque eu tinha todas as histórias na cabeça e as testemunhas de todas as histórias são citadas. Esse livro tem os nomes de cada um que trabalha comigo, porque o livro é em homenagem aos repórteres cinematográficos e também aos editores de imagem, aos produtores, aos auxiliares, os técnicos que trabalham com a gente”. O jornalista sempre considerou muito importante homenagear principalmente essas pessoas que não ficam diante das câmeras, porque elas são as também são responsáveis por ajudar a construir essa imagem. “Toda essa equipe merece essa consideração”.

Essa equipe também faz parte do processo de escolha das pautas que são apresentadas aos programas. O jornalista conta que recebe muitas indicações de amigos de lugares que dariam um ótimo roteiro. “Nós recebemos muitas sugestões, por whatsapp, por e-mail, de amigos que mergulham que falam “chico, tem uma ilha extraordinária no oceano pacífico” outro vem e pergunta “você já foi a Palau? Palau tem isso tem aquilo” e você vai reunindo essas informações”. Depois de uma pesquisa detalhada desses locais a pauta é apresentada ao programa em que ela mais se encaixa, “aí vai analisar o custo da reportagem, quantas pessoas vão e começar a produzir a reportagem pra submeter à aprovação. Quando é muito cara num período de crise como nós estamos é difícil e nós vamos adiando pra esperar uma oportunidade melhor que o orçamento do programa permita fazer aquela viagem, então é assim que funciona”.



Há décadas ele é ícone das grandes reportagens



Francisco José é constantemente convidado para palestras e congressos



Histórias inusitadas

Dentre os lugares fascinantes que visitou, o jornalista parece apresentar dificuldade em encontrar um que tenha se sobressaído, no entanto, quando se trata de histórias inusitadas exemplifica com as ilhas da Micronésia, “o dinheiro é de pedra, o banco é a céu aberto, pedras que pesam mais de uma tonelada e pra comprar uma casa, transfere a posse da pedra para a pessoa que está vendendo, normalmente, três a quatro pessoas são assassinadas por ano em brigas que tem lá e a indenização para a família da vítima é uma pedra. Ela vale uma vida”, completa.

Quando se trata de falar do lugar mais bonito que já visitou Francisco é taxativo em dizer que é o Atol das Rocas, reserva biológica localizada no Rio Grande do Norte, e com muito orgulho o repórter aventureiro relembra ter sido o primeiro a documentar diversas reportagens no interior do estado, mostrando de forma inédita as belezas potiguares, como as Dunas de Genipabu e o abalo sísmico em João Câmara no ano de 1986, matéria que já tinha estava esquecida na memória do jornalista, “eu fui o primeiro repórter da TV Globo a fazer reportagem, porque oito anos antes de ter uma emissora aqui, eu já era da Globo Nordeste e vinha para o RN fazer as coberturas”.

Além de ser pioneiro nas matérias sobre o Nordeste, Francisco José também se alegra em ter participado de grandes coberturas jorna-

lísticas como seis Copas do Mundo, duas olimpíadas e a Guerra das Malvinas. Ele comenta que na época em que cobriu eventos esportivos chegou a ser presidente da Associação Brasileira de Cronistas Esportivos e tem saudades daquele tempo que foi uma alavanca para estar no caminho que trilha hoje. Ressalta também que para qualquer jornalista a cobertura desses eventos é única e é gratificante ver a matéria pronta.

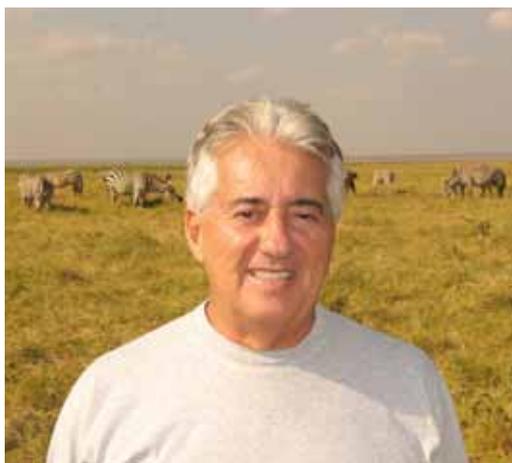
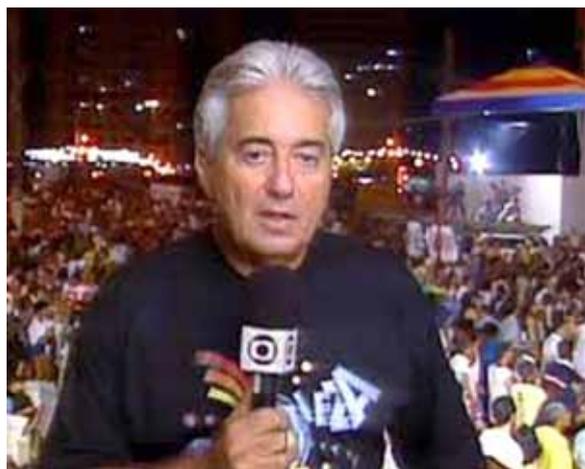
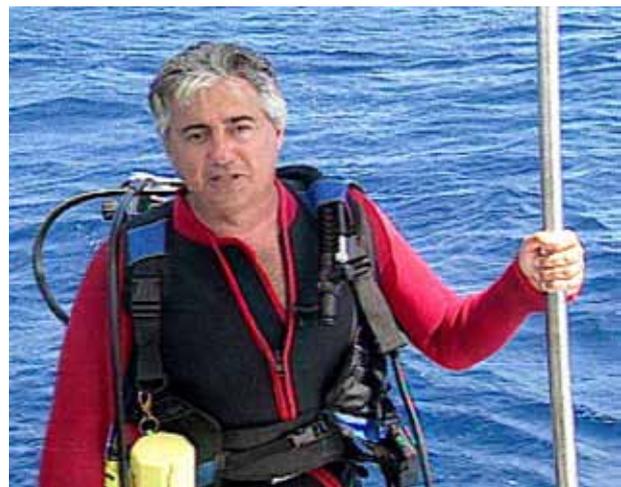
Falando sobre sua carreira consolidada com um dos grandes jornalistas de aventura do país, sem perder sua essência cearense-pernambucana, o repórter expõe que nunca precisou mudar seu sotaque ou sua moradia por trabalhar numa emissora centrada no eixo Rio-São Paulo. “Eu estou completando 98 edições do Globo Repórter, que é um recorde absoluto, dificilmente alguém vai chegar a essa marca, e eu acho que esse ano eu vou, então não foi preciso sair do Nordeste, eu achei que tinha condições de ir me destacando pelo trabalho que ia sendo feito, pela qualidade das reportagens”, observa Francisco e ainda completa. “Na próxima semana eu vou ter reuniões pra saber se vou fazer a Namíbia ou se vai ser possível fazer a Barra Califórnia, na costa do México, em busca da Baleia Azul, o maior mamífero da terra. Eu ainda tenho muito para conhecer e mostrar, o mundo é muito grande, até mesmo o Brasil é muito grande, então cada lugar que você vai é uma novidade”.

E a perspectiva dos lugares que apresenta ao público é diferente de qualquer repórter, sua vivência próxima à seca nordestina e suas raízes deram a Francisco José essa outra forma de enxergar os lugares, possibilitou ainda mais sensibilidade no olhar e mais humanidade no coração. Ficou conhecido durante a década de 1980 como o “Mensageiro da Miséria”, título que veio com as reportagens marcantes e tocantes mostrando as dificuldades do sertanejo que sofre com a seca e com a fome. “Na época, o índice de mortalidade in-

fantil era muito grande, os adultos também ficavam desnutridos e tinham problemas sérios de saúde. Era muito difícil ir pro sertão, não tinha nem estrada asfaltada para chegar lá, era na poeira, nos buracos, e mesmo assim eu consegui denunciar os descasos da época do governo com o sertanejo, eu mostrava um nordeste que nem os nordestinos que vivem nas capitais queriam que fosse mostrado mas era a realidade da vida e eu me sentia na obrigação em denunciar, nós fizemos matérias muito marcantes que fizeram com

que tomassem providências”, relembra saudosista.

Hoje, o jornalista sente que a seca não mudou, mas o que mudou foram as medidas tomadas com objetivo de diminuir os danos, “o carro pipa, a preparação do sertanejo para conviver com a seca, a cisterna com água, meios paliativos, mesmo assim é dramático, porque os animais ainda estão morrendo, não há água nas torneiras em muitas cidades, o abastecimento é crítico”. Francisco ainda acrescenta que ninguém está preparado para viver uma si-



tuação dessas, independente das atitudes tomadas pelos governos. “Vocês tiveram a oportunidade de ver São Paulo que passou a conviver com a falta d’água com o racionamento, as barragens secando e isso foi dramático para eles, imagine para o nosso sertanejo que está lá dentro da Caatinga sem água no açude, sem água nas torneiras e dependendo de um carro pipa que passa uma vez por semana, então a situação continua muito crítica”.

Matérias tão especiais como essas tem seus sacrifícios. Ficar

longe da família é um deles, contudo Francisco José conta que estão todos acostumados, além do mais, a esposa, Beatriz Castro, também é repórter especial pela Globo Nordeste. E divertido, comenta “ela [Beatriz] já está acostumada com minhas andanças, minhas filhas também estão, sabem que eu corri um risco, mas que voltei pra casa inteiro, às vezes eu volto com osso quebrado, mas aí eu conserto e eu vou de novo, já aconteceu muitas vezes, escorregar na montanha, no gelo, cair, me ferir na floresta, o barco virar tudo isso tá dentro do

contexto” risos.

A entrevista é contagiante, o amor que o jornalista demonstra pela profissão e por contar tantas histórias incríveis e diferentes levam diretamente para os lugares onde ele esteve. “Esse programa que vai ao ar agora foi feito com muito pique, subindo montanhas, entrando em túneis, fazendo mergulhos radicais, enquanto eu tiver com esse pique de trabalho eu acho que eu tenho condições de continuar trabalhando. Não quero parar por enquanto,” finaliza com otimismo.



Repórter das grandes viagens e aventuras, Francisco José afirma que ainda tem muita disposição para novas jornadas



Deixe de 'canningado', ok?

Hábitos, linguagem e culturas híbridas – estadunidenses em Natal e a Natal nos estadunidenses

Por Rafael Barbosa



HÁ QUASE CINQUENTA ANOS, uma Natal ainda muito interiorana recebia milhares de soldados que mudariam definitivamente a rotina da cidade. Termos do distante país foram adotados e, assim, novas palavras, que perdem seus sentidos se fora do contexto local, surgiram. A presença dos estadunidenses durante o período da Segunda Guerra Mundial, até 1945, influenciou alguns costumes do povo natalense, mas também gerou aspectos nocivos à capital potiguar.

“Você imagine uma cidade que tinha pouco mais de 50 mil habitantes passar a abrigar, de uma vez, milhares de homens do Exército dos Estados Unidos. Imagine a revolução que foi. Era uma cidade muito pequena, muito simples”, destaca o pesquisador Rostand Medeiros, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Naquela época, Natal era um município isolado. Segundo ele, quem

vinha do interior, de Acari, por exemplo, chegava à região de Macaíba a cavalo e então pegava um barco para atracar no Paço da Pátria e entrar na cidade. “Não havia uma rodovia que ligasse a João Pessoa e Fortaleza”, acrescenta.

Quando estourou a Segunda Guerra Mundial e o Brasil entrou na batalha, no início dos anos 1940, Natal foi identificada como ponto estratégico para a aviação e os norte-americanos se instalaram no local. Na ocasião, Parnamirim recebeu a maior base da Força Aérea dos Estados Unidos fora daquele país, batizada de Parnamirim Field. “Natal recebeu um grupo permanente de pessoas que até hoje é uma coisa assim... uns dizem que é 600, outros 2 mil, e um grupo flutuante que há relatos de que em algum momento a cidade tinha 20 mil estrangeiros dos EUA. No meu entendimento, eles foram os primeiros grandes turistas em Natal”, diz Rostand.

“

Você imagine uma cidade que tinha pouco mais de 50 mil habitantes passar a abrigar, de uma vez, milhares de homens do Exército dos Estados Unidos. Imagine a revolução que foi. Era uma cidade muito pequena, muito simples.”

Rostand Medeiros, pesquisador

Costumes juntos e misturados

O choque de realidade entre natalenses e estadunidenses propiciou a incorporação de elementos da cultura gringa no cotidiano potiguar. Os soldados que aqui chegaram trouxeram da América do Norte o *Way of Life* dos EUA e apresentaram vários produtos à sociedade de Natal, bem como novos costumes.

A professora doutora Flávia Sá Pedreira, do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), conta em seu livro “Chiclete eu misturo com banana” que os chicletes passaram a ser uma grande febre entre o povo da capital. A goma de mascar foi trazida pelos americanos e o seu consumo difundido pela cidade, assim como também aconteceu com a Coca-Cola. No livro, a professora



Professora Flávia Sá Pedreira, do Departamento de História da UFRN

cita, inclusive, uma crônica de Luís da Câmara Cascudo em que o folclorista critica a nova onda entre os natalenses. Cascudo diz considerar até

compreensível que os soldados dos Estados Unidos consumam a “borracha”, contudo, causa-lhe estranheza a moda entre a sociedade de Natal.

Ok, caningado

Flávia Sá Pedreira elenca a incorporação de alguns termos do inglês no dialeto rotineiro da população. A difusão do “ok” e do “allright” são um exemplo. “Apesar de que eu encontrei em registros de jornais uma tendência ao inglês já mesmo antes da guerra”, observa a professora.

O pesquisador Augusto Maranhão, que há anos se debruça sobre o tema da Segunda Guerra em Natal, destaca ainda o aportuguesamento do nome de um oficial estadunidense

que acabou se tornando uma expressão comum e bem característica da nossa capital.

Havia na Base de Natal um oficial norte-americano de nome Cunningham, conhecido no quartel por sua dureza e cobrança com os subordinados. Dele, de acordo com Maranhão, derivou o termo “caningado”, que é usado para se referir a pessoas que costumam importunar, chatear pela insistência. “É um termo bastante nosso e que surgiu nessa

época”, reforça Maranhão.

Ainda de acordo com o pesquisador, o uso de roupas mais despojadas e o tratamento das relações interpessoais de maneira menos formal também são características trazidas pelos estadunidenses. “Começamos a vestir camisetas, bermudas, algo mais adequado ao clima tropical. A incorporação do termo ‘brother’ no vocabulário, que foi muito usado por uma época, também é resultado desse tempo”, conta.

Entre os pobres

Não foi só do lado brasileiro, no entanto, que aconteceu a adaptação. Flávia Sá Pedreira conta que os soldados gringos passaram a ter aulas de português dentro do próprio quartel. Eles queriam aprender o nosso idioma e o objetivo maior era a conquista. Queriam saber como se aproximar das mulheres.

O dialeto serviu também

para o que, segundo Rostand Medeiros, foi uma das principais características desses homens em Natal: o convívio com os mais pobres. Em sua pesquisa e em conversa com familiares dos soldados, o pesquisador descobriu várias fotos em que eles aparecem entre pessoas das classes mais simples.

“Eles pediam para tirar fo-

tos dessas pessoas, conviviam com elas. Naquela época ninguém falava com o pobre, ele não tinha qualquer valor. Aí chegam esses homens de fora, como se fossem artistas, e dão essa importância que eles não tinham antes”, pontua. Nos registros, há várias imagens dos estadunidenses em bairros populares, em casas mais humildes.



Estadunidenses se misturavam à população local, como mostra cena de filme sobre o período

Música e eletrodomésticos

A provinciana Natal da década de 1940 vivia sob a influência dos grandes cantores de rádio, das músicas dramáticas do estilo romântico do Brasil. A chegada dos norte-americanos trouxe o foxtrote e o jazz para o cotidiano da cidade. “Você imagina aqui todo mundo escutando Dalva de Oliveira e esse clássicos, aí os caras chegam com essa música completamente diferente”, destaca Rostand Medeiros.

Apesar disso, segundo a pesquisa da professora Flávia Sá Pedreira, nas rádios se fortaleceram as marchinhas de Carnaval. A Rádio Educadora de Natal (REN) conti-

nuava a tocar essas canções do período momesco, mesmo diante da musicalidade estrangeira que invadia o município.

Neste período, conta a professora, ocorreu também um fato que hoje causa riso a quem escuta. Naqueles anos, eram as rádios as responsáveis por comunicar sobre os possíveis ataques dos países do Eixo, já que o Brasil estava do lado dos Aliados, contra a Alemanha de Hitler.

Certa vez, de acordo com Flávia Sá, alguém disparou na base um falso alarme, por engano, que foi difundido pela cidade através da

REN. Era o famigerado “blackout”, o aviso de que as tropas inimigas estariam próximas para iniciar um bombardeio. Uma sirene foi disparada sem querer e causou um furdunço em quem estava na rua. Foi durante a noite.

A professora ouviu relatos, quando na produção do livro, de um ex-praça da Força Expedicionária Brasileira, Cleanto Siqueira Homem. “Ele disse que alguém disparou o alarme, mas foi um erro. Ele estava assistindo a Flash Gordon no cinema e saiu todo mundo correndo, as pessoas pisaram umas nas outras, mas não era nada”, conta.

Chegada da geladeira

Segundo os relatos colhidos por Flávia, foi nessa época também que o natalense passou a usar em suas atividades diárias alguns eletrodomésticos, que antes não lhe eram comuns. Um exemplo disso é a utilização da geladeira. De acordo com a professora de História, por aqui ainda era natural o uso de temperos para a conservação da carne. Os estadunidenses trouxeram a geladeira para armazenar comida e manter as bebidas geladas. Quem pôde aderiu à maravilha tecnológica. Não se falava em outra coisa na elite natalense, todos queriam geladeira.



Com a presença dos estadunidenses em Natal, objetos antigos começaram a ser trocados pelos modernos

Flying Boots e novos ricos

Quando não estavam em campo de batalha, os estrangeiros viviam a cidade de Natal. Frequentavam estabelecimentos e deixaram muitos dólares no comércio local. Um famoso caso de prosperidade durante esse período é o da loja Flying Boots, que comercializava botas na Ribeira. A professora Flávia Sá conta que o estabelecimento virou referência entre os soldados dos EUA. Os calçados mais macios, de cano curto, eram mais confortáveis que os coturnos duros do Exército e a Flying Boots passou a ganhar muito dinheiro com a fabricação dessas botas.

Entretanto, destaca Rostand Medeiros, não se tem notícia dos proprietários da fabricante, como outros comerciantes, que alavancaram suas marcas e as mantêm vivas até os dias atuais. É o caso das Casas Rio, hoje Rio Center.

Neste sentido, Rostand diz que a presença norte-americana também serviu para os empreendedores potiguares se familiarizarem com um capitalismo mais moderno, um estilo de comércio que não existia à época por essas bandas. Outro exemplo de sucesso fruto desse processo é o de Nevaldo Rocha, fundador da Guararapes.

O pesquisador afirma que durante a guerra, Nevaldo veio de Carauabas para Natal na boleia de um caminhão para tentar a vida



Rostand Medeiros, pesquisador

na capital. Por aqui trabalhou em uma loja pertencente a um judeu, dentro da Base. Anos depois do conflito mundial, após erguer o primeiro negócio, Nevaldo Rocha chegou a ir aos Estados Unidos para visitar algumas empresas. A visita surgiu a partir dos contatos feitos na Base Aérea.

“Mas não foi só ele. Ele, Cyro Cavalcanti, Seu Dudu, das Locadoras Dudu, uma das primeiras grandes locadoras daqui. Esse era motorista de táxi desses americanos. O americano trouxe para a elite comercial de Natal uma nova visão. Quem parou para ver o que os caras faziam criou base para montar outros tipos de negócio”, afirma Rostand.

“

Mas não foi só ele. Ele, Cyro Cavalcanti, Seu Dudu, das Locadoras Dudu, uma das primeiras grandes locadoras daqui. Esse era motorista de táxi desses americanos. O americano trouxe para a elite comercial de Natal uma nova visão. Quem parou para ver o que os caras faziam criou base para montar outros tipos de negócio.”

Rostand Medeiros, pesquisador



Então prefeito, Gentil Ferreira, na prefeitura, fazendo de conta que conversava com um “gringo”



Grande Hotel, ponto de encontro de estadunidenses e potiguares

Relação ambígua e impactos sociais

Injeção de dinheiro na economia local, troca de experiências, novidades, produtos internacionais no comércio, grandes festas, cultura dos EUA. Apesar do *oba oba*, a relação entre os estrangeiros e os natalenses não era de todo amistosa.

Flávia Sá Pedreira revela em sua pesquisa algumas crônicas que contêm reclamações dos intelectuais da época quanto à presença dos norte-americanos. Diziam

que faltavam algumas carnes no comércio e alguns outros produtos, quando nas instalações militares não havia registro de escassez. Em um dos textos, reclama-se até do preço da cerveja, que ficara mais cara por conta do alto consumo dos soldados.

A preferência das mulheres pelos gringos, diz Flávia Sá, também era algo que incomodava aos homens de Natal. Os bailes For All (“para todos” em inglês)

dados pelos militares dos EUA eram disputados pelas moças locais. Há, inclusive, uma discussão acerca do termo, sob a afirmação que ele gerou a denominação para o ritmo Forró. Contudo, as teses são confrontadas pelos pesquisadores entrevistados para esta reportagem, pela existência de uma vertente que afirma que a palavra Forró deriva de Forrobodó, que era como se chamava as festividades do interior do Nordeste.

Muitos cabarés

Ainda nesta questão de relações dos estrangeiros com as mulheres do RN, Rostand Medeiros diz que a presença deles por aqui pode ter causado um aumento da quantidade de bordeis pela cidade. Ele pesquisou jornais do período pós-guerra e identificou uma grande quantidade de prostíbulo.

Segundo a professora Flávia, durante a estadia dos soldados houve uma espécie de cadastramento das prostitutas. Para



A presença dos estrangeiros fez crescer o número de bordeis na cidade

exercer a profissão, elas precisavam realizar exames médicos, comprovar que estavam bem de saúde. Depois disso, recebiam

uma espécie de carteira que autorizava o trabalho nos cabarés. O documento recebeu o apelido de “passaporte do amor”.

Decadência

O fim dos conflitos internacionais, em 1945, trouxe também prejuízos ao Rio Grande do Norte. Jornais consultados por Rostand Medeiros, incluindo os de circulação no Rio de Janeiro, relatavam os altos índices de desemprego em Parnamirim.

A Parnamirim Field, em sua grande dimensão de área, começou a ficar sem serventia. Não havia em Natal necessidade para as Forças Armadas de um espaço daquele tamanho. “Houve relatos de roubos e saques dentro da base”, complementa Rostand.

Outro dano social foi pro-

vocado às mulheres da época, a quem a sociedade impunha a obrigação de manter a virgindade até o casamento. Muitas mantiveram relações amorosas com os norte-americanos que foram embora. A exclusão dessas moças por parte da população provocou até a criação de um projeto, regido pela Igreja Católica, para o seu acolhimento. Funcionava no bairro do Bom Pastor, relata Rostand.

Havia uma preocupação dos pais de meninas com a circulação de estrangeiros por conta desse motivo. Como se dizia naqueles tempos, temiam que elas “se per-

dessem” nas mãos dos gringos.

De acordo com o que contam registros bibliográficos consultados pelos pesquisadores, a presença dos soldados dos Estados Unidos deixou para Natal um legado de costumes, e também causou à pequena cidade impactos negativos que repercutiram em seu desenvolvimento. Fato é que a participação da capital potiguar na Segunda Guerra Mundial é um dos mais importantes acontecimentos da história do município. Entre *For All* e chicletes, restam as lembranças e heranças dos tempos de guerra e paz nas terras de Cascudo.

GELATECA ABERTA

Meio geladeira e meio biblioteca, o espaço criado por um comerciante de trailer para incentivar a leitura em homenagem à mãe que o adotou.

Por **Cícero Oliveira**
Fotos: Cícero Oliveira





Com pouquíssimos recursos, Jair Alexandre humanizou o espaço que destinou à biblioteca

O BRASIL POSSUI ATUALMENTE 7.149 bibliotecas públicas, segundo dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, o que implica em uma média aproximada de 28,8 mil pessoas para cada biblioteca. Esse número parece pequeno quando é comparado com a estatística da Argentina, que possui uma média de 17 mil habitantes para cada instituição, e torna-se irrisório quando olhamos para a França, com apenas 2.500 habitantes para cada sala de leitura pública, de acordo com informações do Conselho Federal de Biblioteconomia. Os dados favorecem as premissas de que há em solo brasileiro baixo nível de escolaridade porque lê-se pouco, ou ainda que o brasileiro lê pouco porque existem poucas bibliotecas.

A responsabilidade da educação, porém, é de todos e algumas pessoas mesmo com pequenas atitudes conseguem destacar-se pelas suas iniciativas, como é o caso do comerciante Jair Alexandre da Silva, que carinhosamente é chamado de «Penha» pelos clientes que frequentam o seu trailer de lanches.



O atendimento cheio de alegria é um dos diferenciais do pequeno comerciante



Boa parte do público que frequenta a lanchonete é de estudantes universitários

Dividindo o leite e o saber

Jair Alexandre foi entregue pela mãe biológica, ainda recém-nascido, ao casal Maria da Penha e José Manoel. A mãe não tinha condições para prover o sustento da criança, pois trabalhava como diarista na casa de dona Penha, e o pai biológico, que não morava com ela, não lhe ajudava em nada nessa tarefa. Alexandre nem chegou a conhecê-lo, soube somente quando já era adulto o seu nome e que era caminhoneiro na cidade de Currais Novos (RN).

Dona Penha, que era professora, acabara de ter dado à luz

uma menina, Valéria, com quem ele dividia o leite. No bairro de Nazaré, onde moravam, 'Mãe Penha' tornou-se bastante conhecida por acolher várias outras crianças. Adotou dez ao todo, além dos outros dez filhos que pariu, sempre lhes provendo de carinho e educação. Quanto aos estudos formais, era ela quem cuidava de iniciar, sendo responsável pela alfabetização de todos os filhos, além de outras crianças da vizinhança e dos empregados de 'Zé Manoel, que possuía uma pequena equipe trabalhando no ramo

da construção civil.

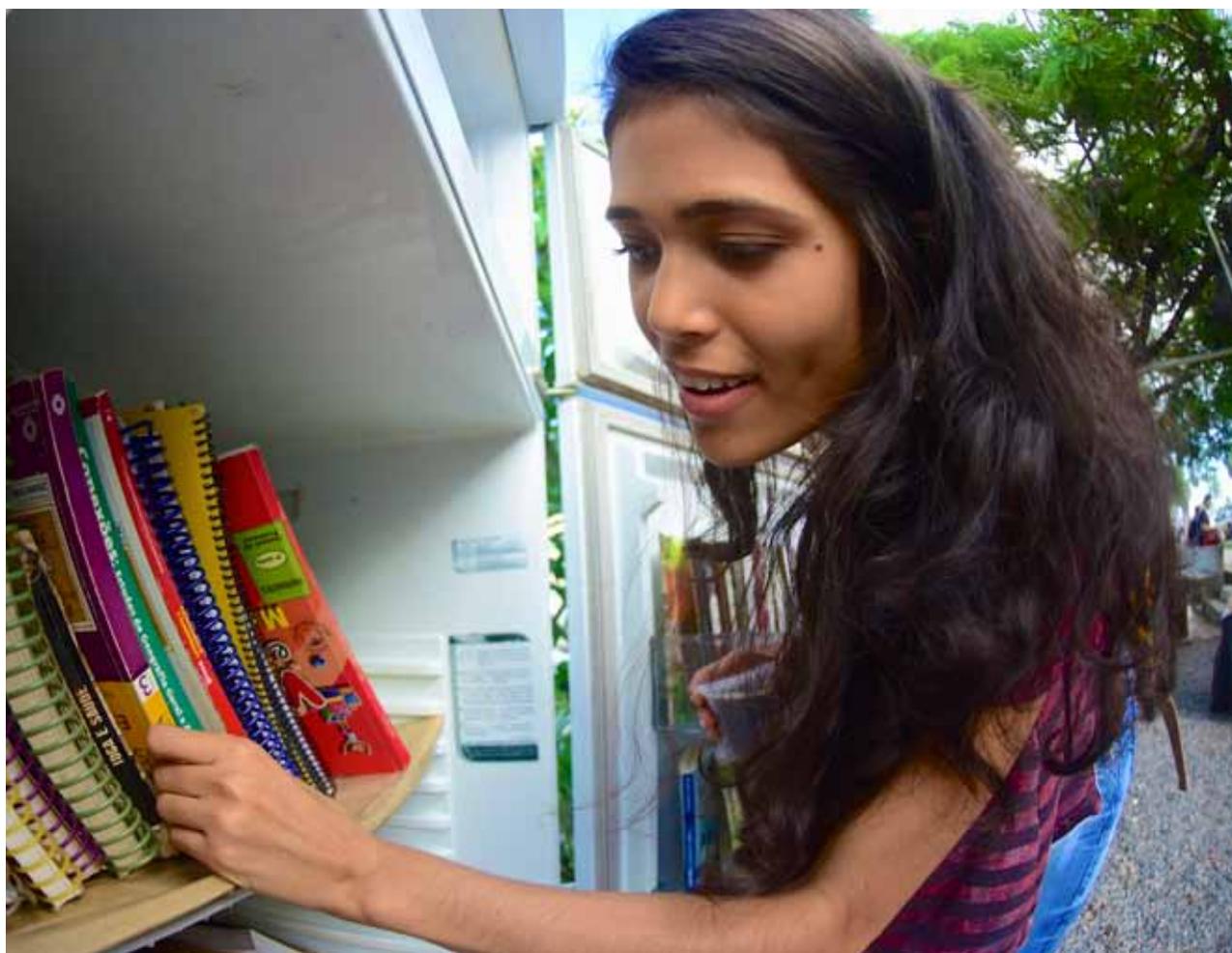
Com uma família tão numerosa, Dona Penha e Seu Zé Manoel certamente se desdobravam no trabalho. Além de professora, ela também montou um pequeno restaurante no bairro onde moravam e ele também trabalhava como comerciante nas feiras livres da cidade. Esse exemplo de dedicação à família e ao trabalho parece ter sido muito bem assimilado por Jair Alexandre. Já adulto, ele prometeu a 'Mãe Penha' que um dia teria o seu próprio negócio e que o batizaria com o nome dos pais adotivos.

A Gelateca

Atualmente com 42 anos, Jair possui uma lanchonete instalada em um trailer no bairro de Mirassol, região movimentada de Natal, próximo a universidades e grandes centros comerciais. Para cumprir a promessa feita aos pais, ele batizou o pequeno comércio de *Penha Lanches*. Os frequentadores do lugar, em sua maioria estudantes e trabalhadores daquela região, logo passaram

a lhe chamar também de “Penha”. Com muitos clientes, o comércio parece prosperar, mas o que mais chama a atenção de quem passa no local é a pequena área de convivência que ele construiu. Com pneus e tábuas usadas montou bancos que dão conforto aos clientes, cultivou um belo jardim, e com a ajuda de alguns amigos montou uma pequena biblioteca em uma velha geladeira.

O técnico em informática Lenildo Dantas, que frequenta a lanchonete de Penha, aprova a iniciativa da gelateca e afirma que “como as pessoas lêem pouco, ações como essa são muito importantes, porque levam uma biblioteca ao alcance do povo”. Já Elisoneide Lima, que trabalha como diarista, fala que “a gelateca é a única forma que ela tem de ter contato com algum livro”.



Ideia inusitada, a gelateca surpreende ao público que frequenta a lanchonete



A gelateca torna os livros acessíveis a um público que em sua maioria tem poucas oportunidades de leitura



Conforto para quem lê! Além da gelateca, Penha também construiu bancos para os leitores

Promessa cumprida!

Jair demonstra felicidade com os comentários dos clientes. “Isso não tem preço, consegui seguir o exemplo da minha ‘Mãe Penha’. Eu e minha esposa somos batalhadores, mesmo quando eu estou descansando, carrego pedra. Acordamos todos os dias às quatro da manhã e não temos hora para parar, mas o que me dá mais alegria é saber que de alguma forma

estou ajudando a outras pessoas”.

A experiência da gelateca parece ser bem democrática. Cada leitor pode levar emprestado o que quiser ou até mesmo trocar livros. “O importante é ajudar a quem precisa”, afirma Maricélia Martins, que foi uma das pessoas que contribuíram para a formação do acervo inicial. Jair Alexandre continua

aceitando doações para aumentar o número de títulos disponíveis e promete expandir a experiência. Está construindo um segundo trailer, mas dessa vez pretende montar uma lanchonete/biblioteca itinerante e finaliza: “Com esse outro negócio eu completo a minha promessa, vai se chamar *Zé da Penha Lanches*, como meu pai era conhecido”.



Movimento intenso na lanchonete, em parte causado pelas inovações do empreendedor



ITAJUBÁ

poeta que repousa em algum lugar

Boêmio, poeta, jornalista, personagem ilustre do bairro da Ribeira. São muitos os adjetivos e são poucas as certezas sobre a figura que viveu intensamente, morreu misteriosamente, ocupa uma cadeira na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e seus restos mortais descansam por aí

Por Rafael Barbosa

O HOMEM QUE LEVOU a vida entre versos e boemia tornou-se um dos poetas mais importantes da literatura do Rio Grande do Norte. Boêmio reconhecido da antiga Ribeira, Manuel Virgílio Ferreira, o Ferreira Itajubá, é uma das figuras mais pitorescas da história potiguar. Além de lecionar, escrever para jornais e aprender as artes circenses, era reconhecidamente um clássico artista bom de copo.

De acordo com o presidente da Academia de Letras do RN, advogado, professor e poeta Diógenes da Cunha Lima, Itajubá foi quem encabeçou o primeiro Carnaval de Natal. Um carro alegórico improvisado puxou pelas estreitas ruas da cidade naquele início de século 20 a troça, que tinha no papel de Apolo, destaque do bloco, o folclorista Luís da Câmara Cascudo, ainda muito jovem.

Bonito, alto e forte, o poeta era também um homem disputado entre as mulheres das terras de Poti. “Das damas da sociedade às prostitutas da Ribeira, todas eram apaixonadas por ele. E ele fazendo poesia e encantando essa gente toda”, conta Diógenes da Cunha Lima.



Diógenes da Cunha Lima, presidente da Academia de Letras do RN



Escola tem nome em homenagem ao poeta

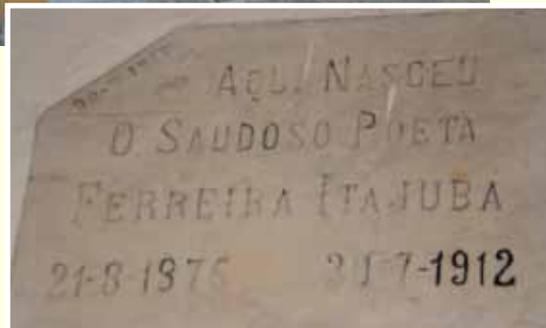
Poeta do circo

Afeito às artes, relata o professor Diógenes, o poeta de Macau (município onde provavelmente nasceu Itajubá), decidiu ainda aprender as artes circenses. “Um dos últimos feitos de sua vida”, acrescenta. Dos malabares acrobáticos às piadas escrachadas de palhaço, Ferreira Itajubá abraçou todos os números.

Gostava tanto do circo que montou um no quintal do casarão onde morava, imóvel de número 63 da Rua Chile, Ribeira. “Mas o circo foi à falência, porque ele exercia todas as funções”.



Casa onde viveu o poeta, no bairro da Ribeira, em Natal



Foi-se tão cedo

Nascido ao final do século 19, Ferreira Itajubá morreu na década de 1910, no Rio de Janeiro, para onde viajou em busca de tratamento médico. Por lá também foi enterrado, entretanto, não há registros oficiais de qual doença teria levado o poeta. Diógenes da Cunha Lima diz que Itajubá morreu de falência de múltiplos órgãos, provavelmente provocada pelas noites e noites de farrá.

Apesar do pouco tempo de vida, menos de 35 anos de idade, deixou robusta obra literária, que passeia pelo imaginário de quem o lê. Ele foi

auxiliar do comércio, jornalista, orador popular, professor, funcionário público. Mas, o que tirou de melhor para ofício foi a poesia.

O poeta que levou a vida na boemia versando para contar suas histórias dizia que morreria cantando, “num domingo formoso/ Quando alveja no espaço o luar saudoso/O fulgor das estrelas empanando”. Estava certo. Era domingo naquele 30 de junho de 1912 - do mesmo modo que disse que seria em sua poesia “Terra Natal” - quando Itajubá se despediu deste plano para ganhar espaço nos anais da história.



O morto que canta em algum lugar

Pesquisador aprofundado da vida e obra de Ferreira Itajubá, Diógenes da Cunha Lima conta que o jornalista e escritor Henrique Castriciano levou do Rio de Janeiro para Natal os restos mortais do poeta. “Henrique era um homem isolado, só. Colocou lá na casa dele”, disse. Castriciano era admirador da obra do poeta Itajubá.

Havia na residência um caseiro que auxiliava Henrique Castriciano nas atividades domésticas. Ainda de acordo com Diógenes, o homem dizia que, desde que os ossos de Ferreira Itajubá foram levados para lá, conseguia ouvir o poeta cantando e recitando poesias todas as noites. Era a sua tormenta noturna, pois tinha medo do morto.

Depois de cansar de escutar o caseiro reclamar da assombração, Henrique Castriciano então resolveu levar a ossada para a igreja, como era comum antigamente. Itajubá passou a repousar na paróquia Bom Jesus, na Ribeira, bairro que foi cenário de boa parte de suas farras e onde também havia morado.

Isso até um padre novo chegar à igreja. Segundo Diógenes da Cunha Lima, o pároco determinou

que todos os ossos guardados no prédio fossem colocados numa só caixa. Misturou os restos mortais. “Disse que osso não precisava ter nome, nem coisa nenhuma”.

Anos depois, Diógenes, já presidente da Academia Nort-rio-grandense de Letras, mandou fazer uma placa para colocar na Igreja Bom Jesus, com os dizeres “Em algum lugar sagrado desta igreja repousam os restos mortais de Ferreira Itajubá”. Contudo, o mesmo destino dos ossos teve a

tal placa. Depois de uma reforma no templo, o pároco decidiu retirá-la e guardar em lugar que não se vê na igreja.

De todo modo, Itajubá está entre os imortais da Academia de Letras do RN, ocupando a posição de patrono da cadeira 19, a mesma do jornalista Murilo Melo Filho, potiguar eminente, com trabalho reconhecido em todo o país e internacionalmente, que também tem assento na Academia Brasileira de Letras.



Igreja Bom Jesus guardava os dizeres: “Em algum lugar sagrado desta igreja repousam os restos mortais de Ferreira Itajubá”

CONCURSADOS CONVOCADOS

Assembleia Legislativa do RN vai convocar concursados até abril de 2017. Medida é resultado das ações para enxugar gastos

Por Anna Karlla Fontes

Foto: João Gilberto





OS ESFORÇOS DA ASSEMBLEIA Legislativa do Rio Grande do Norte para reduzir custos e, assim, ficar abaixo do Limite Prudencial estabelecido pela Lei de Responsabilidade Fiscal vão permitir a convocação de todos os aprovados no concurso público que a Casa realizou. O anúncio foi feito pelo presidente da ALRN Ezequiel Ferreira de Souza (PSDB). “Reduzimos o índice de 2,34 para 2,24, abaixo do limite prudencial, que é de 2,26. Uma grande vitória da atual gestão e do conjunto dos deputados que definiram como meta no planejamento estratégico a economicidade na gestão, transparência nas ações e qualificação dos servidores”, explica o presidente.

Foram convocados 32 pessoas e, até abril, serão chamados os 53 aprovados que restam da lista. Os novos servidores têm recebido a atenção de uma comissão formada para acompanhar e auxiliar as atividades dos profissionais durante os três anos em que cumprem o estágio probatório. Na opinião da secretária administrativa da instituição Dulcinea Brandão, o trabalho desempenhado pelos profissionais vem contribuindo significativamente com o andamento do poder legislativo estadual.



Ezequiel Ferreira de Souza, presidente da ALRN

Entre as ações destacadas pelos parlamentares que compõem a ALRN, estão a redução de custos, que permitiu à Assembleia anunciar a doação de 85 ambulâncias e 40 viaturas, e a redução de gastos que a fez ficar abaixo do limite prudencial da LRF.

O ex-presidente da Casa deputado Vivaldo Costa (PROS) afirmou que a Mesa Diretora vem fazendo uma administração reconhecida por todos, priorizando projetos que beneficiam o estado. “Essa gestão está criando condições para oferecermos auxílio na segurança e na educação”, afirmou. O deputado Ricardo Motta (PSB), que também presidiu o Legislativo do RN, afirmou que o presidente Ezequiel teve uma postura de determinação e altivez. “Quero parabenizá-lo pela competência, capacidade e dinamismo, que faz com que esta Casa seja parceira do nosso estado”, disse.

Albert Dickson (PROS) destacou os resultados obtidos em dois anos, com as medidas nas áreas de saúde, educação e com a convocação dos aprovados. Líder governista, o deputado Dison Lisboa (PSD), também fez os mesmos destaques e ressaltou: “estamos vivendo um momento histórico e profícuo de muita transparência”, disse. A deputada Márcia Maia (PSDB) disse que a Assembleia irá utilizar corretamente estes recursos ao destiná-los para áreas



Parte já convocada dos concursados no setor administrativo da casa

“

Estamos vivendo um momento histórico e profícuo de muita transparência.”

**Dison Lisboa (PSD),
deputado**

tão críticas. “Quando o governo acerta, a população tem os seus direitos respeitados”, disse. Ao parabenizar a atual gestão pelas medidas anunciadas, o deputado Fernando Mineiro (PT) lembrou que a casa terá um papel im-

portante ao se posicionar sobre temas que estão na agenda do Brasil, como a Reforma da Previdência. Na avaliação do deputado Souza Neto (PHS), a atuação do presidente Ezequiel Ferreira permite o diálogo com os poderes e, sobretudo, com seus pares “com a capacidade de unir os contrários”. O deputado Carlos Augusto (PSD) classificou como “exemplar, democrática e eficiente” a atual gestão. Os deputados Larissa Rosado (PSB) e Gustavo Carvalho (PSDB) também se pronunciaram e destacaram as ações.

DISTRIBUIDORA
POTENGI
Distribuidora da revista BZZZ



**TAMBÉM FAZEMOS
PARTE DA SUA
BOA INFORMAÇÃO**

Distribuidora de jornais, revistas, documentos,
malotes bancários, brindes, perecíveis, etc

Contatos
(84) 99161 3716 | 98732 6952 | 3653 6952
distribuidorapotengi@uol.com.br

Bendita sabedoria popular

Termos e expressões da linguagem coloquial brasileira são rico acervo da cultura e vivências do povo. Alguns passaram por modificações, outros continuam fiéis à origem

Por **Leonardo Dantas**

Ilustração: Brum

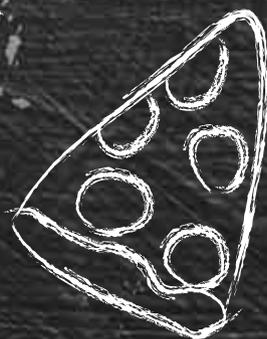


QUEM NUNCA LEVOU UM canto de carroça do *crush*? Ou ficou da cor de burro quando fuge, no momento em que aquela motocicleta atravessou seu caminho numa rua escura? Às vezes não existe forma melhor de expressar algum sentimento ou situação do que com um bom e capcioso ditado popular. “Diga-me com quem andas e direi quem és”. Você já deve ter ouvido isso alertando sobre o perigo das más companhias. Máxima, adágio, provérbio, anexim ou ditado. Não importa o nome que é dado a essas frases pequenas que dizem tanto, e sim a eficiência e a sabedoria que carregam.

A Revista *Bzzz* conversou com o pesquisador e folclorista Gutenberg Costa, que, deitado em sua rede depois do almoço, “escapando das

catrevagens do entrevistador”, lá em Nísia Floresta, Rio Grande do Norte, apresentou o significado e a origem de algumas dessas expressões.

De acordo com Gutenberg, não se sabe quando e nem onde começou a ter registro desses ditos populares. Para o pesquisador, esse costume é inerente ao próprio nascer e ao desenvolvimento das pessoas, à sua cultura e ao seu meio. “Ele (o homem) faz comparações, brinca, ironiza ou se rebela por meio dessas máximas. É um tema que também já foi estudado por Câmara Cascudo, Mário Souto Maior e outros folcloristas, que se aprofundaram nessas expressões nascidas da oralidade e que são repassadas por avós, pais e tios”, formula o pesquisador.

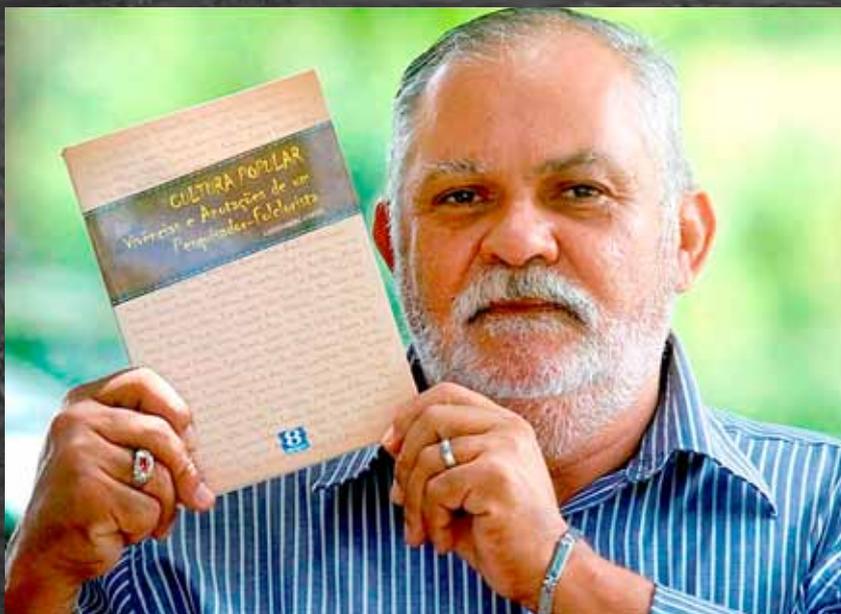


Filosofia de para-choques

Quando essas frases são reproduzidas em automóveis passam a ser denominados de filosofia de para-choques. “São dizeres bem irônicos como: ‘Feliz foi Adão, que nem teve sogra nem caminhão’. Essa frase estava em um caminhão bem velho, que, com certeza, traria problemas para o seu dono. Outra que também anotei dizia: ‘Se for pra morrer de batida, que seja de limão’”.

Em 2014, Gutenberg Costa publicou um livro intitulado “Cultura Popular: vivências e anotações de um pesquisador folclorista”, e cada capítulo iniciava com os ditos populares. “Na introdução, eu coloquei logo: ‘todo mundo inveja o vinho que eu bebo, mas não sabe as quedas que levo’”. Um antigo provérbio português que mostra como muitas vezes admiramos o sucesso de alguém, mas não levamos em conta as dificuldades e os desafios para alcançá-lo.

Segundo o pesquisador, muitos ditados populares ironizam e discriminam o pobre, a mulher, o negro ou outras “minorias”. Para ele, os



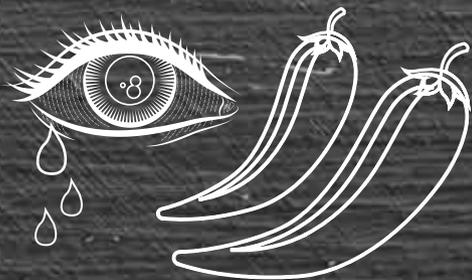
Gutenberg Costa é escritor, folclorista e atual presidente da Comissão Norte Riograndense de Folclore

estudiosos não devem divulgar esse tipo de conteúdo, mas é algo que está ligado à cultura do povo, ao modo de vida e merece respeito. “Quando eu chego num mercado para tomar um café, eu escuto dezenas de máximas populares ditas pelo açougueiro, pelo vendedor de fruta ou pelo raizeiro, que vende sua medicina popular com a frase ‘aqui só não cura lisêu’. Então, na minha opinião, o povo não

merece crítica e não devemos querer mudar uma cultura. Se não concordar, é só não reproduzir”.

Em seu livro, Gutenberg fez uma seleção de vários ditos, deixando para trás alguns “muito pesados para a época de hoje”. A seguir vamos conferir algumas dessas divertidas frases que estão presentes na produção do folclorista e também no imaginário da população.

SAPO NÃO PULA POR BONITEZA, MAS POR PRECISÃO - provérbio caipira presente na obra de Guimarães Rosa, que lembra a necessidade de se mexer para alcançar os objetivos. Pode também ser explicado por outro dito popular: quem fica parado é postê.



PIMENTA NOS OLHOS DOS OUTROS É REFRESCO - provérbio português que significa que para os outros é muito fácil o que estamos fazendo. "Quando se quer usar o palavrão, colocamos no lugar de olhos", lembra Gutenberg.

SE FAZ DE DEFUNTO PARA ENGANAR O COVEIRO - é o velho se fazer de desentendido para tirar vantagem da situação ou escapar de alguma confusão.

DEPOIS DA ONÇA MORTA TODO MUNDO METE O PAU - atacar alguém ou algo que se sabe antecipadamente que não terá reação. É tripudiar em cima de quem não pode se defender. "São os aproveitadores", explica.

QUEM MORRE DE VÉSPERA É O PERU DE NATAL - provérbio brasileiro que cria uma metáfora com o fato de que no Natal o peru é servido no dia 24, na véspera. Significa sofrer por antecipação. "Mas agora não morre mais, né? Não é mais caseiro, é o do supermercado".

SANTO DE CASA NÃO OBRA MILAGRE - de origem bíblica (Marcos 6), o dito popular nasceu da frase de Jesus "o profeta não é reconhecido em sua própria terra". Trata da falta de reconhecimento de conquistas nossas, em contraste com a super valorização com o que é de fora. "Esse ditado é referência de muitos intelectuais e produtores culturais que vivem no ostracismo".

NÃO É NÓS E NEM O SANTO, É A FÉ QUE NOS CURA - expressão das rezadeiras, figuras míticas da cultura nordestina. Pode ser interpretado como o poder do pensamento positivo independente da religião ou crença.

VISITA EM CASA DE POBRE É DESGRAÇA DE GALINHA - "Porque o pobre é besta, mata a galinha para dar ao rico. E quando vai na casa do rico come salsicha".

É COM O ANDAR DA CARROÇA QUE AS MELANCIAS SE AJEITAM - provérbio antigo que originalmente citava abóboras no lugar das melancias. Nos faz lembrar que devemos prestar menos atenção aos problemas pequenos e focar na meta mais importante.

CONVERSA PRA BOI DORMIR – “É esse tipo de conversa que a gente está tendo”, ironiza o folclorista. A expressão teve origem quando a pecuária era a atividade mais importante do Brasil e o boi era tratado feito gente. Conta-se que os pecuaristas até conversavam com o boi para ele dormir. Hoje, significa conversa mole, sem importância ou mentira.

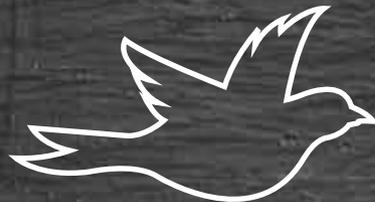
VIAJADO MAIS DO QUE CAVALO DE CIGANO – “Cavalos de cigano não para”. É aquele que tem muito conhecimento, que viaja muito e não para quieto.

PRA JUMENTO SÓ FALTAM AS PENAS – se diz daquele sujeito que não é muito inteligente. E quando é seguido pela afirmação: - Mas jumento não tem penas! Responde-se: então não lhe falta nada.

CASA DA MÃE JOANA – a expressão que remete à bagunça ou a um local onde se pode fazer tudo nasceu no século XIV com a Rainha de Nápoles, que se chama Joana. Em 1347, regulamentou os bordéis da cidade de Avignon. Conta-se que uma das regras dizia: “o lugar terá uma porta por onde todos possam entrar”.



COM REI NA BARRIGA – a expressão é usada para alguém que se dá importância demais. É original do tempo da monarquia, quando as rainhas estavam grávidas do rei e passavam a ser tratadas de maneira mais especial.



VIU UM PASSARINHO VERDE – utiliza-se muito essa frase para dizer que alguém está apaixonado. Existe uma lenda que os rapazes adestravam periquitos para levar bilhetes escondidos à sua amada.

DESGRAÇA POUCA É BOBAGEM – ironia com o próprio sofrimento. “Tem gente que ri da própria miséria. Aqui em Nísia Floresta tem um cidadão que sempre diz no meio da conversa: ‘eu acho é que foi pouco’”, conta Gutenberg.

CANTO DE CARROCERIA – é o famoso escanteio, a deixada de lado. “Um dia eu tava tomando café lá em São José do Mipibu numa banca e duas mulheres estavam conversando. Uma delas dizendo que tinha acabado um relacionamento. Veja só a expressão que ela usou: - ‘mulher, eu deixei aquele infeliz das costas oca. Não quero nem ver aquele desgraçado. Eu lhe dei foi um canto de carroceria!’”.

NÃO ME ACOMPANHE QUE EU NÃO SOU NOVELA – dito popular que se tornou filosofia de para-choque. “Essa eu anotei de um veículo. Tem origem na época em que as novelas eram grandes audiências na TV”.

BRAVO COMO UM SIRI DENTRO DE UMA LATA – dito popular que remete a valentões e a homens de muita coragem. No jiu-jitsu a expressão é usada para os lutadores que não param de se mover durante a luta.



EM TERRA DE CEGO, QUEM TEM OLHO É REI – expressão que existe em muitas línguas e sugere que em uma terra de ignorantes, quem é só um pouquinho menos ignorante tem tratamento de rei.

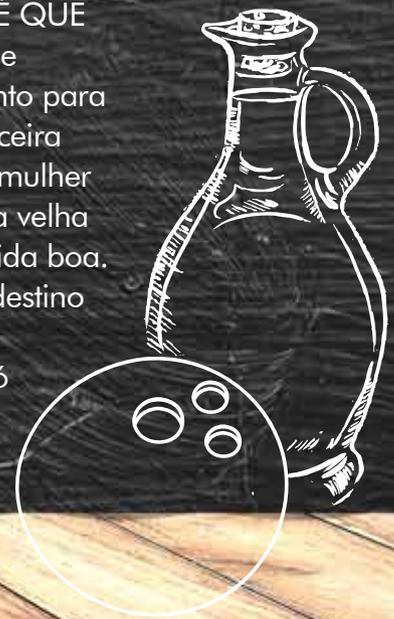
QUEM TEM RABO DE PALHA, NÃO PASSA PERTO DE FOGUEIRA – essa é para alertar aqueles que fazem coisas erradas, mas se dizem certos.

CULTURA DE ALMANAQUE – dito preconceituoso que denominava pessoas que não haviam estudado em escolas e universidades, mas que aprendiam tudo nos almanaques. “As pessoas liam e ficavam com o aprendizado, mas não com o estudado”.

HOMEM VALENTE NÃO SE MATA, SE DEIXA VIVER PRA TIRAR RAÇA – de acordo com Gutenberg, essa frase é associada ao cangaceiro Lampião.

TUDO FARINHA DO MESMO SACO – bastante associado a políticos, a expressão nasceu de uma metáfora comparando homens e trigo. A farinha de boa qualidade fica em sacos separados do produto de qualidade inferior. Quando indivíduos começam a tecer críticas entre si e percebem-se que não há diferença entre eles, a expressão “cai como uma luva”.

COCO VELHO É QUE DÁ AZEITE – “Esse ditado é um alento para o homem da terceira idade. E para a mulher é aquela: panela velha é quem faz comida boa. Para tudo o nordestino tem um jeito. Capaz de dar nó em pau seco”, brinca.



Parece, mas não é

Existem também os ditados que com o tempo foram se adaptando ou entendidos de maneira errada. Você já se perguntou o que é um pé de cachimbo?

Ou qual é a cor do burro fugitivo? Pois é, mesmo com alguns erros, a sabedoria popular tratou de dar sentido ao que parecia ser surreal ou abstrato.

COR DE BURRO QUANDO FOGE – o ditado correto é “corro de burro quando foge”. Pois quando o animal foge costuma dar coices em quem estiver por perto.

QUEM NÃO TEM CÃO, CAÇA COM GATO – a expressão ganhou sentido de improvisação. Porém, o correto é “quem não tem cão, caça como gato”, ou seja, caça sozinho.

QUEM TEM BOCA VAI A ROMA – ou seja, basta se comunicar que se consegue o que quer. A expressão certa é “quem tem boca, vaia Roma”. Era a maneira que os romanos tinham de expressar o descontentamento com os imperadores.

OSSOS DO OFÍCIO – costuma denominar a parte de maior dificuldade do trabalho, porém a expressão original era “ócios do ofício”, que, como muitos ditados, fazem um trocadilho. Neste caso, junta descanso com trabalho.



BATATINHA QUANDO NASCE SE ESPARRAMA PELO CHÃO – por uma própria questão biológica, é impossível uma batata se esparramar pelo chão, pois ela é uma raiz. O correto é “batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão”.

HOJE É DOMINGO, PÉ DE CACHIMBO – a parlenda, que são versos infantis recitados em brincadeiras, é bastante conhecida. Mas “pé de cachimbo”? Na verdade, o verso correto é “pede cachimbo”, do verbo pedir. Pois o domingo é um dia de descanso e de relaxar fumando um cachimbo.



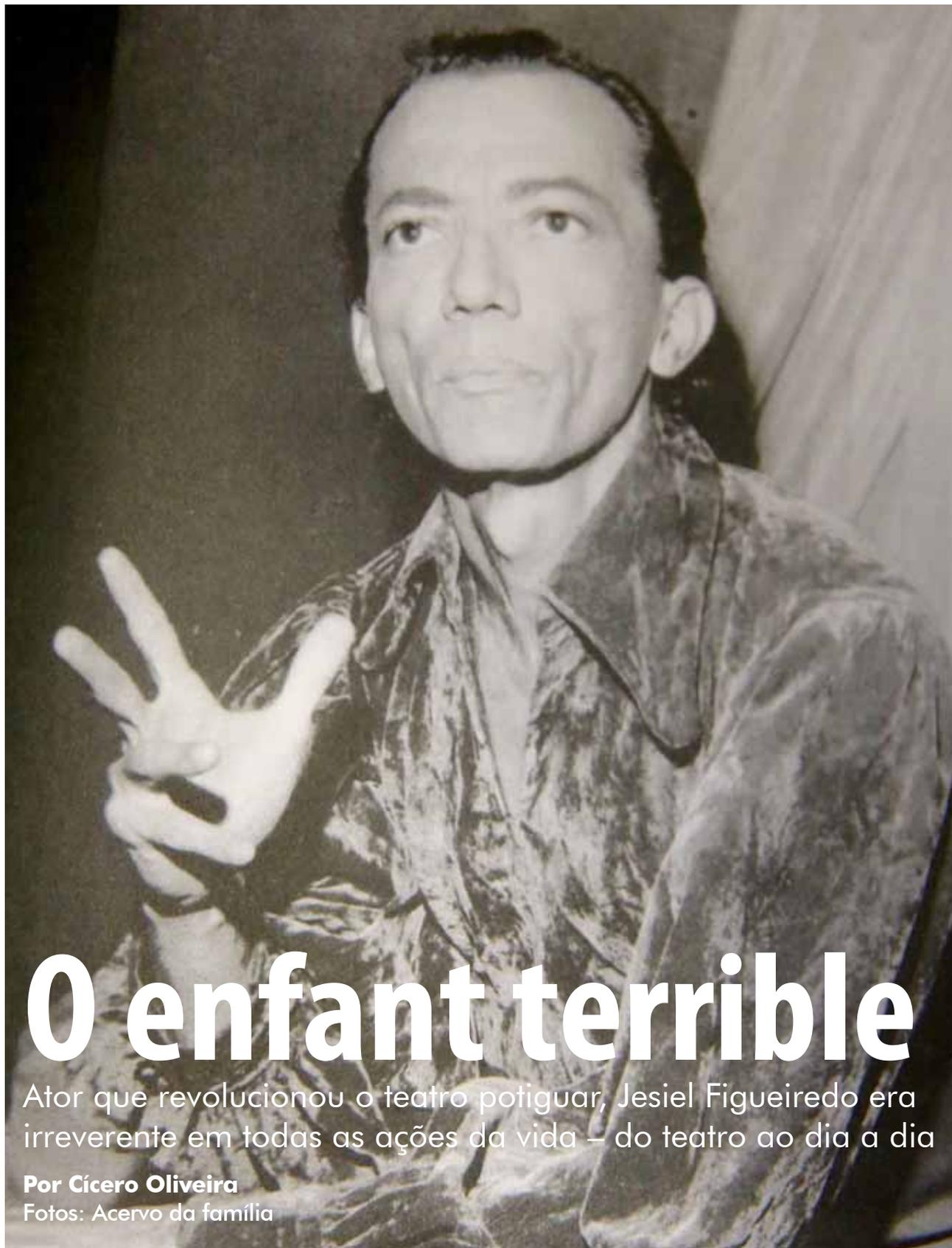
DÁ MAIS QUE CHUCHU NA SERRA – a expressão vulgar que denomina aquele que pratica atividades sexuais com parceiros diferentes é na verdade: “dá mais que chuchu na cerca”, que é onde o vegetal é colocado para crescer.

ENFIOU O PÉ NA JACA – o ditado que define quando alguém passou do ponto na bebedeira e na comilança tem uma pequena diferença. O correto é “enfiou o pé na jacá”. Jacá é um tipo de balaio de palha utilizado para guardar frutas e produtos e que ficavam na entrada dos bares de antigamente. Os frequentadores quando exageravam na bebida, ao sair pisavam nas jacás. Dizem que os donos dos estabelecimentos ficavam bravos como um siri na lata.

A voz do povo é a voz de Deus

Adaptados ou remendados, já que “quem conta um conto sempre aumenta um ponto”, os ditados populares fazem parte do sagrado dizer do povo. Na obra *Folclore Etc & Tal*, o folclorista Mário Souto Maior diz que a sabedoria popular é a filosofia do povo, que nunca passou em ban-

cos de universidades ou teve contato com ideias de grandes pensadores. É um saber que nos faz pensar, nos diverte e nos deixa admirado com a lição que é aprendida. E eu que comecei a escrever esse texto mais perdido que cego em tiroteio, agora só não faço chover, mas preparo o tempo.



O enfant terrible

Ator que revolucionou o teatro potiguar, Jesiel Figueiredo era irreverente em todas as ações da vida – do teatro ao dia a dia

Por Cícero Oliveira

Fotos: Acervo da família

“UMA VOZ DISSONANTE NO teatro que se fazia aqui!”. É dessa forma, após também ressaltar a importância de Segundo Wanderley e Inácio Meira Pires para o nascimento do teatro potiguar, que o professor Tarcísio Gurgel costuma se referir ao trabalho de Jesiel

Figueiredo. As palavras o definem como aquele que revolucionou essa atividade no Rio Grande do Norte.

Jesiel nasceu no bairro do Alecrim, na capital potiguar, em 11 de abril de 1938. Filho de Josué Rodrigues Carvalho Galvão de Figueiredo e Nair Elisa Manso Ma-

ciel Targino, foi alfabetizado por sua mãe, estudou no Grupo Escolar Frei Miguelinho e no Atheneu. Ainda criança, passou a morar com os avós paternos em função da mudança dos pais para uma fazenda no município de Macaíba, e, em seguida, para Brejinho.

Juventude e seus dramas: dificuldades financeiras, bar e prisão

Primogênito, Jesiel passava o período letivo em Natal e durante as férias escolares ficava com os pais e os outros irmãos em Brejinho, onde dividia o tempo entre o trabalho na padaria da família, as brincadeiras infantis e as visitas à Igreja Evangélica fundada por seu pai. Essa época foi marcada tanto pelos conflitos de ordem religiosa, como pelo despertar para o teatro. Os pequenos dramas que ele encenava com os amigos tinham sempre a sua família como plateia.

Durante a juventude, seus pais enfrentaram dificuldades financeiras, o que os fez retornar para Natal. Passaram a morar no bairro do Alecrim e o primeiro andar do prédio onde funcionava a padaria da família foi cedido para Jesiel montar um pequeno hotel. Com espírito empreendedor, ele



O envolvimento com o teatro começou desde cedo

passou também a explorar no local o Bar Arapuca, que funcionava somente após as 21h, quando seu pai já não estava trabalhando. O local funcionava de forma discreta, e possuía um público cativo,

mas era visto de forma preconceituosa por algumas pessoas, como conta o professor Tarcísio Gurgel: “Atribuía ao local a fama de ser um “*inferninho*”, onde havia tráfico de drogas e prostituição”. Isso fez com que a polícia invadisse o estabelecimento e prendesse Jesiel. O acontecimento, para uma cidade como Natal dos anos 1960, transformou-se em escândalo. Mas nenhuma acusação chegou a ser comprovada e o jovem foi solto três dias depois.

Com o bar fechado, Jesiel decidiu passar uma temporada de retiro no Rio de Janeiro (RJ) e, em seguida, na fazenda da família em Guajiru, próximo a Extremoz (RN). Esse período serviu para ele amadurecer a encenação do espetáculo “*Calígula*”, do escritor francês Albert Camus, trabalho que lhe consagrou artisticamente.

Criador de grandes espetáculos

A partir de 1967, uma sequência de grandes espetáculos foi montada de forma exitosa por ele: “O pagador de promessas”, de Dias Gomes; Édipo rei, de Sófocles; “Boca de ouro”, de Nelson Rodrigues; “Nó de quatro pernas”, de

Nazareno Tourinho; e “Hamlet”, de William Shakespeare, são apenas alguns dos muitos sucessos.

Jesiel Figueiredo sempre trabalhou de forma polivalente, assumindo diversas funções em seus espetáculos. Atuava como diretor,

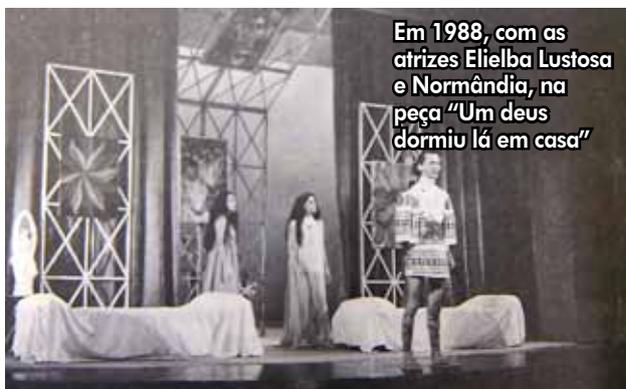
ator, na coxia ou com autor. Para o artista plástico e maquiador Amaro Bezerra, “Jesiel era um homem muito eclético e que realmente se dedicava ao que fazia. Era um verdadeiro mestre e foi graças a ele que me dediquei ao mundo artístico”.



Em “O pagador de promessas”, com Edmilson Martins e Aúta Chacon



Jesiel Figueiredo em “O herói da lâmpada”



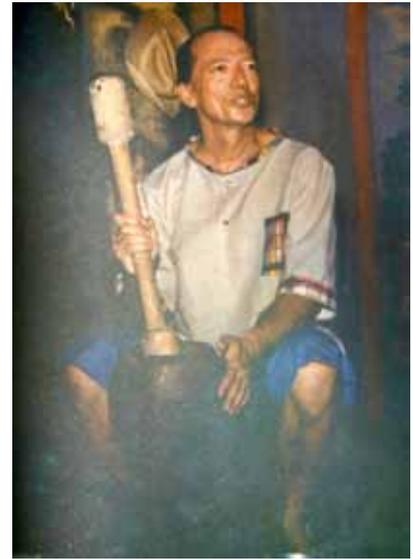
Em 1988, com as atrizes Elielba Lustosa e Normândia, na peça “Um deus dormiu lá em casa”



Representando o lobo no espetáculo “Chapeuzinho vermelho”



Jesiel e os atores João Batista e Delma Edna, parte do elenco de "Alice no bosque encantado"



Em "Grandão e Pixote contra o lobisomem"

Casa que respirava arte e ideias

Depois da temporada morando no bairro do Alecrim, a família mudou-se para uma casa localizada à Rua Princesa Isabel, no centro da cidade. Com o orçamento restrito, dona Nair decidiu melhorar a renda familiar alugando quartos da residência para estudantes que vinham do interior. A casa tornou-se um ambiente efervescente, repleto de jovens que sonhavam com uma vaga nos bancos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Jesiel passou então a ocupar a garagem da casa, onde costumava se reunir com os irmãos ou amigos, sempre tendo o teatro como objeto principal das conversas.

A casa sempre foi frequentada por pessoas ligadas às artes, segundo Jair Figueiredo, irmão e



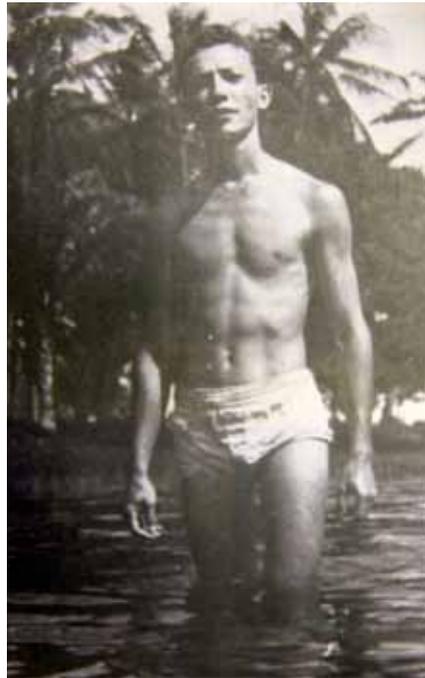
O antigo cinema Olde, após desativado, transformou-se em sede do Teatro Infantil Jesiel Figueiredo

biógrafo de Jesiel. Nomes como "Thomé Filgueira, João Bosco de Almeida, Eduardo Pinto, Jobel Costa, Roosevelt Pimenta, Amaro Be-

zerra, Arruda Sales, Carlos Porpino e Franklin Jorge sempre estiveram presentes nas conversas vespertinas abastecidas pelo café de Mãe Nair".

Muitos desses amigos também lhe acompanhavam em suas incursões etílicas na fazenda da família em Guajiru. Em um desses encontros, Jesiel e alguns amigos atravessaram a Lagoa de Extemoz em total estado de embriaguez, e acompanharam até o cemitério da cidade o cortejo fúnebre de um anjo, cantando, rezando e chorando a morte daquele pequenino.

Após o episódio do Bar Arapuca, Jesiel passou no vestibular de Jornalismo, mas não chegou a frequentar o curso. Em seguida, também foi aprovado para o curso de Serviço Social, do qual também declinou. Por fim, foi aprovado no curso de Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas da UFRN, no qual foi laureado com a Medalha de Mérito Estudantil como melhor concluinte em 1979, pelo então reitor Diógenes da Cunha Lima.



Aos 21 anos, em 1959, na Lagoa de Extremoza



Jesiel e Delma Edna em "O casamento de dona Baratinha"



Jesiel e o ator Gilvan Felipe, em 1969, atuando em "O pequeno polegar"



Homenagem recebida como aluno da Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Atuando na peça "Pluft, o fantasminha"

Professor e incentivador

Ao longo de sua carreira, o artista foi responsável pela formação de diversos outros colegas de profissão, amadores e profissionais. Criou grupos de atores, encabeçou projetos de teatro nas escolas para formar plateias, levou diversos espetáculos às cidades do interior do estado, trabalhou com o teatro popular e chegou até mesmo a fundar o seu próprio teatro, que funcionava no prédio do antigo cinema Olde, no bairro do Alecrim.

Jesiel alternava atuações destinadas ao público infantil com trabalhos direcionados para os adultos com extrema facilidade. A quantidade de espetáculos nos quais ele atuou é enorme, quase impossível eleger os que são mais relevantes. Montou peças de Maria Clara Machado, Nelson Rodrigues, Ariano Suassuna, Millr Fernandes, Dias Gomes, William Faulkner, Eugene O'Neill, Sófocles, William Shakespeare, Albert Camus, além de inúmeros trabalhos autorais.



Elenco do Teatro Infantil Jesiel Figueiredo

Para Jair Figueiredo, Jesiel era “um verdadeiro homem de teatro, sempre provou para a sociedade que não sabia viver sem participar do complexo processo teatral”.

Amaro Bezerra é seguro em afirmar que “é justamente pelo

conjunto da obra que ele merece ser reconhecido”. O professor Tarcísio Gurgel não discorda disso, e acrescenta que “ele era um homem bem humorado e irreverente, uma personalidade que faz falta ao nosso cenário cultural”.

Partida *terrible*

O próprio Jesiel Figueiredo se definia como “o *enfant terrible* que uma vez ou outra diz umas coisas que abalam todo o mundo”. Sim, totalmente coerente com esta expressão francesa, ele era aquele

que gostava de ser irreverente, de surpreender e, por vezes, chocar, a criança inquieta que embarcava os adultos com suas colocações provocadoras, mas que indubitavelmente estava à frente

de seu tempo. Dessa forma, Jesiel abismou todos com um ato final extemporâneo, sem permitir ao público que o aplaudisse. Faleceu no dia 16 de agosto de 1994 em um acidente automobilístico.

A photograph of four women performing a traditional tribal dance. They are wearing dark green halter-neck tops and long, flowing skirts with intricate patterns and fringes. They have their arms raised, hands clasped together, and are wearing dark eye makeup. The background is dark, and the lighting is dramatic, highlighting the dancers.

O Sagrado Feminino

Por meio de conceitos como sororidade e o poder das mulheres, a companhia potiguar Shaman Tribal Co. ganha admiradores por todo o país e também no exterior. Fusionando ritmos, o grupo é responsável por espetáculos de dança que resgatam a essência, a sacralidade e o poder feminino

Por Leonardo Dantas

Fotos: Ana Jéssica, Tiago Lima e Greis Ferreira



MULHERES FORTES QUE MAIS parecem incorporar animais selvagens. Maquiagem pesada combinada com figurinos elaborados e movimentos sinuosos. Corpos belos, fora do padrão. Assim são as bailarinas do estilo *Tribal Fusion*. A capital potiguar tem como principal representante o grupo Shaman Tribal Co.. Conhecida no Brasil e também no mundo, a companhia vem quebrando estereótipos e vencendo preconceitos no segmento da dança. Quem desvenda os segredos dessa curiosa e rica modalidade é a bailarina Cibelle Souza, uma das diretoras e coreógrafas da companhia. “O tribal é uma partilha entre as mulheres”, define.

Ela conta que a fusão de diferentes etnias de danças é algo que existe há séculos. Porém, da maneira que é conhecido hoje, surgiu na década de 60, nos Estados Unidos, e foi criado por uma bailarina chamada Carolena Nericcio. A dança se chamava American Tribal Style (ATS) e fundia dança do ventre, flamenco, danças indianas e norte-africanas. “Foi um estilo criado especialmente para as mulheres, apesar de receber homens também. Como é de improvisação, Carolena construiu uma série de códigos. Então, se eu me apresentar com uma dançarina de ATS de outro país que nunca vi na vida, nós dançaremos uma coreografia e o público pensará que ensaiamos”.

Já o *Tribal Fusion* nasceu da necessidade que algumas dançarinas da companhia de Carolena tinham de fusionar outros tipos de dança. “Além do ATS ser uma dança de grupo, que impede solos, ele possui um número de passos fixos. Então, o *Tribal Fusion* deu maior liberdade de criação e fusão”. Dessa ‘ruptura’ com o ATS, surgiu nos anos 2000 o nome de Rachel Brice, uma das bailarinas mais conhecidas e respeitadas do es-

tilo. Ela misturou ao ATS performances inspiradas nos anos 1920 e também hip hop. O caráter libertário da dança associado a movimentos de contracultura atraiu admiradoras de todas as tribos. “Foi através de um DVD chamado *Belly Dance Supertars*, que divulgava pelo mundo diversos tipos de dança, que tive o primeiro contato com o tribal. Rachel era uma das coreógrafas”.

Apesar de não definir a Shaman Tribal Co. como uma das pi-

oneiras do estilo no Brasil, Cibelle acredita que como um grupo foi um dos primeiros a atuar. “Não existe pioneirismo porque foi um movimento de vanguarda mundial. A diferença é que já começamos juntas em 2006, porque muitas meninas já dançavam, mas como solistas. Nós já víamos essa questão da tribo como sendo o principal. Éramos um grupo de amigas admiradoras do tribal e num estalo nos perguntamos ‘por que a gente não dança junta?’”.

Ana Jéssica



Todos os corpos são respeitados no tribal fusion



Cibelle Souza,
Ellen Paes e
Paula Braz no
início de tudo

A companhia

Autodidatas, Cibelle e Cia. começaram a estudar a dança assistindo aos DVDs de apresentações. “A gente via o vídeo e tentava copiar, com a nossa base de dança do ventre. Só depois de algum tempo que começaram a surgir vídeo-aulas”. A partir daí o grupo deu início a apresentações pela cidade realizando algumas parcerias com outros artistas, como a banda Rosa de Pedra. “Além de mim, existiam outras duas diretoras, Paula Braz e Ellen Paes. Elas precisaram sair por questões pessoais. Até que em 2008 Paula decidiu abrir a segunda sede da companhia em São Paulo”.

Com a companhia consoli-

dada e a fama crescente, o grupo sentiu a necessidade de estudar mais e buscar na fonte o conhecimento, que só chegava pela internet ou por eventos organizados por outras companhias. “Em 2011, promovemos o primeiro Shaman’s Fest, em São Paulo, e trouxemos a bailarina americana Mira Betz. Fizemos um pequeno retiro em uma chácara e foi uma grande experiência para nós e para a cena. A partir daí muita gente começou a pedir para que realizássemos outros encontros. Conseguimos trazer muitas bailarinas internacionais para essa troca”.

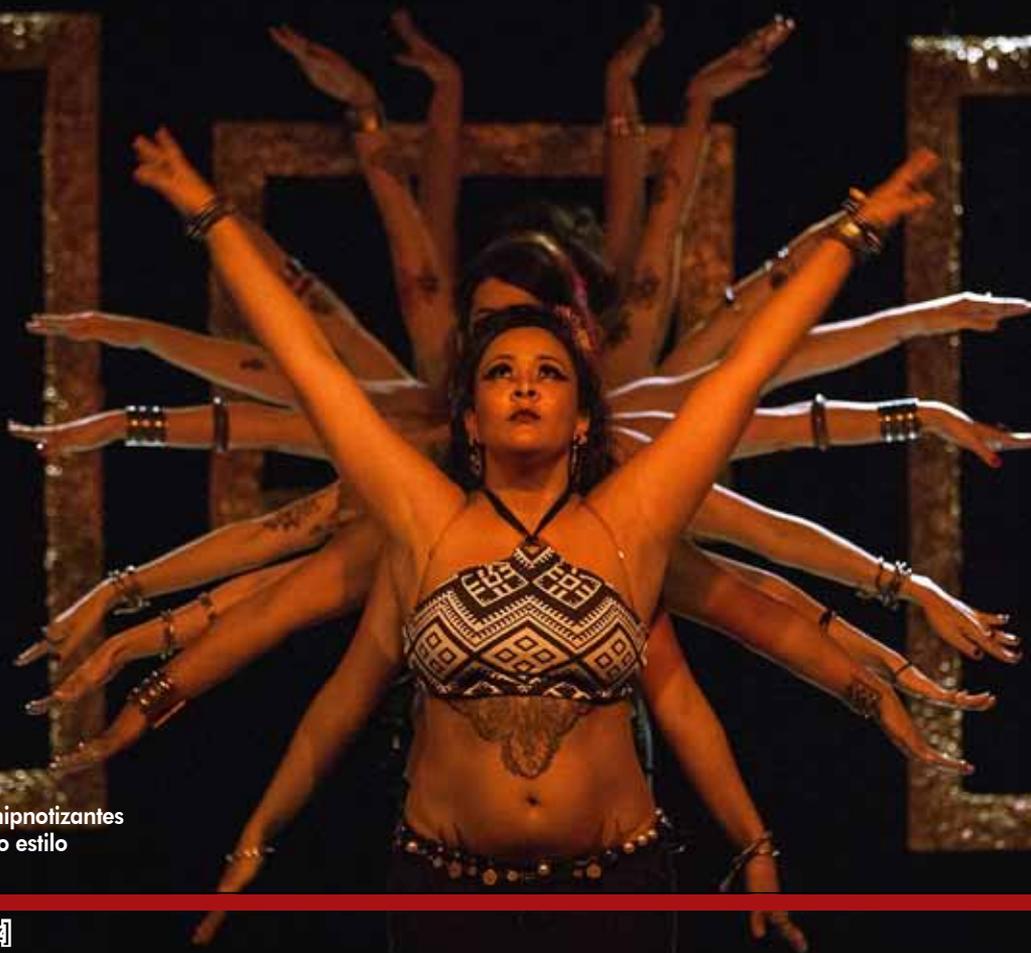
Os eventos, workshops e apresentações organizados pela

Shaman Tribal Co. eram tão elogiados que a fama extrapolou as fronteiras e chegou aos ouvidos de Rachel Brice, a mãe do tribal fusion. “Ela nunca tinha vindo para a América do Sul e nos contatou dizendo que nos conhecia através de outras bailarinas e sabia como éramos organizadas. Eu nem acreditei quando abri o e-mail, quase caí da cadeira. Encaminhei para Paula perguntando se era isso mesmo. Foi um momento muito marcante para todas nós, a realização de um sonho. Promovemos o evento em São Paulo para facilitar a logística, já que era a primeira vez dela aqui. Então veio gente de outros países também”.

De acordo com Cibelle, todas as bailarinas que vieram para o Brasil a convite da companhia se tornaram verdadeiras amigas, levando o nome do grupo para fora do país e criando novas oportunidades. “Através desse contato com Rachel, conseguimos no mesmo ano, em 2014, viajar para os Estados Unidos e nos apresentar no principal evento de tribal do mundo, o Tribal Fest, numa cidadezinha chamada Sebastopol, na Califórnia. Lá é o berço do estilo, então acredito que foi o nosso grande feito. Estar lado a lado com todas as bailarinas que admiramos, nos apresentar no mesmo palco. Foi incrível”.



Na Califórnia, as bailarinas conheceram Carolena Nericcio - no centro



Movimentos hipnotizantes são marcas do estilo

A dança e o feminismo

Cibelle acredita que o estilo atraia muitas mulheres pela sua origem na dança do ventre, que foi criada por mulheres como um ritual de fertilidade, mas posteriormente ressignificado pelo machismo e pelo mercado. “Lá no oriente existe um controle masculino muito grande sobre a dança, sobre o corpo da mulher. Algumas só podem dançar para agradar seus maridos, por exemplo. Então, o tribal foi lá atrás resgatar esse tempo em que as elas dançavam para elas mesmas, como forma de celebração. O que Carolena sempre fala é que o objetivo do tribal é criar o sentimento de comunidade entre mulheres, onde não há competitividade. Por ser uma dança de improvisação, você precisa estar conectada com a outra, porque se não, não funciona”.

Foi esse caráter de partilha que fez Cibelle se interessar pelo estilo, já que na dança do ventre não havia encontrado-se. “O mercado da dança do ventre é muito machista. Aqui no Brasil, uma das maiores casas de chá onde se apresentam diversas bailarinas é dirigida por um homem. É um homem que seleciona as bailarinas. Ele escolhe quem pode e quem não pode dançar. Existe uma análise de padrão de corpo, de cabelo, de roupa. Mesmo tendo mulheres fantásticas que são contra isso,



Cibelle Souza - diretora da Companhia em Natal

o machismo permeia muito esse mercado. É normal você ouvir que precisa emagrecer, ou deixar o cabelo crescer, não pode cortar... Então, todas as meninas que passaram ou estão aqui na companhia, vivenciaram isso”.

De acordo com Cibelle, no tribal há um olhar de fortalecimento da mulher. “Na primeira vez que vi uma apresentação, o que mais me chamou a atenção foi a força das bailarinas. Eu não parava de pensar no quanto aquelas mulheres eram divas, rainhas, poderosas. Era um poder que emanava delas para elas mesmas. Não para quem estava assistindo. Quando eu vi que isso era possível, que eu tinha um grupo de amigas fortes, que eram feministas sem nem sa-

ber, me identifiquei logo”.

Já Allana Reis, bailarina e professora da Shaman Tribal, brinca que o tribal é a dança das excluídas. “Aqui todo mundo é aceito, se tem cabelo curto, tatuagens, piercing ou se tem quadril largo ou é gorda. Não importa. Aqui você pode dançar. A dança é para todos”.

Com a imposição de padrões de beleza cada vez mais difíceis de serem alcançados, muitas garotas chegam “encolhidas” na companhia e cheias de questões com o corpo. “Sempre perguntam se precisam mesmo mostrar a barriga e a gente diz que não. Mas naturalmente todas colocam a barriga de fora mais cedo ou mais tarde. Porque no fim isso não importa, é uma dança para se permitir”, conta Cibelle.



“Carcará” é a coreografia mais conhecida do grupo

- Ah, mas isso não é dança do ventre

A forte influência da dança do ventre e a mistura com outros ritmos fez confusão na cabeça de muitos espectadores. Cibelle lembra que no início, lá em 2005, muita gente tinha preconceito e demorou certo tempo a entender que ali era uma modalidade nova surgindo. “As pessoas tinham uma dificuldade de aceitar, já devido à questão da padronização. Nós temos um figurino diferente e músicas menos convencionais. Então demorou um pouco para sermos acolhidas e perceberem que definitivamente não era dança do ventre. Hoje, é muito diferente. Todos os eventos organizados pelas companhias dessa modalidade aqui de Natal nos convidam para participar”.

Essa aceitação, no entanto, não é a mesma quando se trata dos

grupos de balé ou dança contemporânea. “Até que o balé consegue enxergar que não temos essa referência em nosso trabalho. Mas a dança contemporânea não aceita mesmo. Nosso estilo também é conhecido como dança étnica contemporânea, porém eles não consideram levarmos esse termo ‘contemporâneo’. E não somos mesmo, somos outra coisa. Somos étnicas porque nos inspiramos em etnias e contemporânea porque é algo novo”.

Além da falta de visibilidade no segmento tradicional, esse preconceito acaba implicando em áreas fundamentais para o grupo, como na inscrição em editais. “A gente nunca consegue ser selecionada em um edital. Porque se pedem dança contemporânea, não nos encaixamos. Se pe-

dem estilo livre, não podemos porque não somos do tipo urbano. Às vezes eles nos desqualificam sem nem analisar. Para você ter uma ideia, nossa principal coreografia e a mais conhecida, chamada ‘Carcará’, foi desqualificada em um edital. Quando Rachel Brice viu nossa apresentação, ela disse que precisávamos levá-la para os Estados Unidos imediatamente. Então, edital é meio que uma utopia”.

Para driblar a falta de encaixe, todas as produções do grupo são independentes. No final de 2016, o grupo apresentou o espetáculo “Las Nieblas” no Teatro Riachuelo. Participaram do espetáculo todo o corpo da sede de São Paulo e muitas bailarinas de outras companhias de Natal. Foram mais de 50 mulheres em cima do palco dançando coreografias ba-

seadas no mito das mulheres lobos da psicanalista Clarissa Pinkola Estés.

Cibelle afirma que algumas pessoas não gostaram de seu posicionamento em uma postagem numa rede social sobre as panelinhas no segmento cultural potiguar. “Meu texto não foi contra ninguém. Eu sei que todo mundo que precisa trabalhar com arte passa por muita dificuldade. É comum que as pessoas que passaram por esses processos queiram se manter entre elas, já que são tão poucas oportunidades que fica difícil abrir para outras. E para um trabalho novo como o nosso, que muita gente não consegue categorizar e de cara já rejeita, fica mais difícil ainda. Mas, somos teimosas e não desistimos fácil”, afirma.



Espectáculo Las Nieblas no Teatro Richuelo

Fusões nordestinas

Para fortalecer e difundir o estilo na região, o grupo participou de um projeto independente chamado Caravana Tribal Nordeste, que envolveu quatro estados nordestinos: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia. Da maneira itinerante, a cada dois meses o evento passava por um desses estados promovendo workshops de tribal. Cibelle Souza conta que a cada parada, a organização do local desenvolvia uma coreografia com base numa dança popular do estado. “Nesse período nós tivemos contato com as danças dos orixás, caboclinho, maracatu, coco de roda, afoxé, cavalo marinho, frevo...

A ideia era aproveitar essa base da nossa cultura”. Em suas coreografias, Cibelle costuma referenciar o maracatu, o coco de roda e a dança dos orixás. “Depende muito do que a dança pede. Eu posso colocar um samba também. Varia bastante”, explica.

Além da banda Rosa de Pedra, a Shaman Tribal Co. já participou de um espetáculo da cantora lírica Hilkelia. “Luísa, da banda ‘Luísa e os Alquimistas’, é minha aluna, então, estamos estudando uma maneira de uma parceria bacana. Ainda não aconteceu, mas está bem perto”.

Com todas as dificuldades de quem tem a arte como meio de vida,

Cibelle afirma que às vezes se questiona se é esse realmente o caminho que quer seguir. Em um desses momentos, uma aluna a puxou de volta para o jogo com uma carta de agradecimento. “Eu costumo dizer que elas são nossas bruxinhas. Uma delas sentiu que eu estava precisando e me escreveu um texto lindo. Ela disse que tinha sido minha filha de quadril, que através da dança havia aceitado seu corpo e encarado o espelho pela primeira vez. Que havia se empoderado como uma loba se empoderado do seu próprio uivo. Foi uma coisa muito forte que me emocionou demais”, conta.

Da terra ao prato *com toque francês*

Restaurante Yuru, do Golden Tulip Natal, oferece o melhor visual da Praia de Ponta Negra, com o seu espetacular Morro do Careca, e da gastronomia nordestina



The image is a vertical collage of three food-related photographs. At the top, a wooden bowl is filled with dark, cooked beans. In the middle, a light-colored ceramic bowl contains white beans. At the bottom, a dark plate holds a fresh green salad with lettuce and small red seeds. A yellow horizontal bar is positioned at the top of the page, and another yellow horizontal bar is at the bottom, framing the text.

OS SABORES REGIONAIS TÍPICOS e marcantes do Rio Grande do Norte e do Nordeste ganharam o toque do estrelado chef Joca Pontes, formado pela Escola Superior de Cozinha Francesa, em um ambiente inspirado na cultura indígena. Receita completa, o Restaurante Yuru abriu as portas em Natal, no hotel Golden Tulip Ponta Negra, novo empreendimento da BHG na capital potiguar, que já está na memória gustativa de turistas e moradores da cidade batizada de a Noiva do Sol.



Entre os principais elementos da cozinha nordestina estão o queijo coalho, a manteiga da terra, caju, castanha, feijão verde, além de temperos fortes como o coentro e o cominho. “Esses itens, utilizados de forma sutil, revelam nossas riquezas e nossa cultura fincada no Nordeste, mas que ecoam pelo o mundo”, explica o chef.

Além do Yuru, Pontes comanda outros três estabelecimentos (Ponte Nova, Villa Cozinha Bistrô e



Bercy Village), todos no Recife, capital pernambucana. Foi reconhecido pela Revista Veja como a melhor cozinha contemporânea do ano de 2012 e 2014, além de restaurante do ano de 2012 pela revista Prazeres da Mesa, uma das 10 promessas gastronômicas do Brasil, segundo a edição de novembro de 2008 da revista Menu, e está entre os 50 melhores restaurantes do Brasil pelo Guia Quatro Rodas, de 2015.





No cardápio, a preparação no estilo francês se entrelaça aos sabores tipicamente do Nordeste brasileiro. Na Moqueca Yuru, por exemplo, o camarão e o peixe são preparados com um tempero especial do chef, segredo que agrada. Pode pedir também e se deleitar com a 'Robata de Camarão', 'Rosbife de Sol', 'Filé de peixe à tropicália'. Que leva o peixe grelhado sobre o tartar de banana. E o Ceviche mahi mahi? É pra pedir bis. Os pastéis são outra atração única, com bobó de camarão e vinagrete de cenoura. E muito mais. Coma sem moderação!





Aberto diariamente, o restaurante atende tantos aos hóspedes quanto ao público externo, em café da manhã, almoço e jantar, com capacidade para 110 pessoas. A arquitetura combina móveis inspirados na cultura indígena aliados ao requinte francês nos detalhes rústicos do acabamento. A carta de bebidas é dividida em categorias, com espumantes, vinhos, coquetéis e drinques.

Ah! E o chef Joca Pontes vai regularmente ao restaurante, acompanhar a produção, entrosar cada vez mais a equipe, analisar minuciosamente os preparos. Quem sabe, inclusive, colocar novidades no cardápio, afinal, renovar é preciso, e ele é adepto das saborosas intervenções que agradem a paladares de gregos e troianos.

Para reservas e informações: 84. 3646-0100
yuru@goldentulip.com.br



No capricho

Em meio a exuberantes coqueiros, buganvílias vermelhas e alamandas amarelas, uma pousada à beira-mar de Gostoso é cenário para descanso e momentos prazerosos, com conforto e o charme da rusticidade

Por Everson Andrade

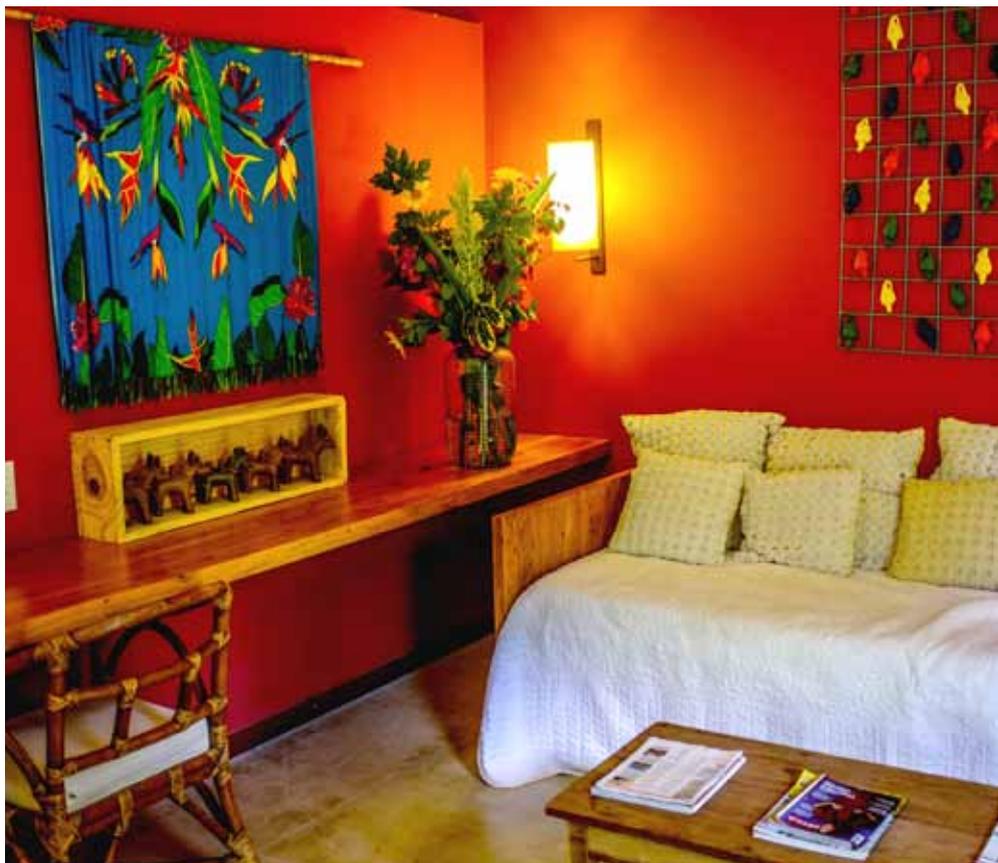
Fotos: Everson Andrade



SÃO MIGUEL DO GOSTOSO, no litoral norte do Rio Grande do Norte, já é por si só um recanto de tranquilidade e encantamento, muito pelas suas belezas naturais, somadas à gastronomia e aos moradores hospitaleiros. De acordo com a época do ano, o sol abusa no espetáculo ao se pôr, seja na Praia de Tourinhos – considerada entre as dez mais bonitas do Brasil –, seja na Ponta do Santo Cristo, onde adeptos do kitesurf de todo o mundo se reúnem para aproveitar o vento que sopra forte. E como se tudo isso já não fosse suficiente, encontramos a Pousada dos Ponteiros, um oásis dentro de outro oásis para quem deseja desfrutar o prazer da tranquilidade e da exuberante natureza.

Localizada na Praia do Maceió, na Rua Enseada das Baleias, no centro da cidade, a pousada transborda o verde da flora e as cores vibrantes das peças de arte que os hóspedes encontram a cada momento. Tanto o ambiente arejado e ventilado, como também o verde, azul, vermelho e o amarelo, cores que propõem remeter ao Nordeste dão o tom do lugar.

Jornalista conceituado, o proprietário Emanuel Néri nasceu na cidade, mas se mudou para a capital, Natal, na época dos estudos, onde cursou o ensino básico e a faculdade de jornalismo. Pouco tempo depois de formado, desceu para o Sudeste, onde fez carreira trabalhando em grandes redações dos jornais do País. Mas, sua história com o local de origem ainda teria mais alguns capítulos para serem escritos.



Decoração e peças de artes com cores vibrantes dão o tom do lugar que remete ao Nordeste



Emanuel Néri, jornalista e proprietário

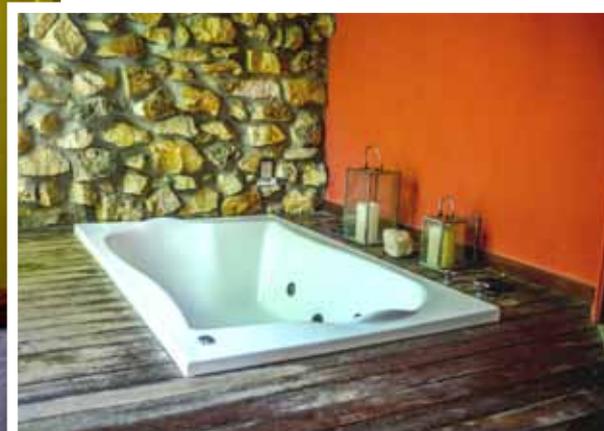
Na virada do século, exatamente no dia 1º de janeiro de 2001, inaugurou a Pousada Ponteiros. Lugar que hoje conta com 20 chalés, numa lotação máxima de 20 pessoas, e emprega cerca de 15 funcionários. As acomodações se dividem entre Chalé Standard, Luxo Coqueiral, Luxos Frente Mar e Chalé Master. Nenhum deixa a desejar em conforto e decoração. Também, no item acessibilidade, por isso não existem degraus para o hóspede. Oferece ainda quatro chalés de serviço, espaços reservados para funcionários de turistas, como, por exemplo, motoristas e babás.

Os quatro chalés *masters* têm cerca de 65m², projetados pelo arquiteto paulista Kléber Almeida. Contam com jardim privado e uma jacuzzi com hidromassagem. Além de muito espaço e conforto em cada ambiente.





A área externa remete a outro momento de apreciação. Emanuel Néri confessa flertar e se interessar pelo design e as artes e, devido a isso, equipamentos, como cadeiras e espreguiçadeiras, foram concebidas na cabeça do jornalista aposentado e produzidas por artesãos da região. Exemplo disso são os sofás, que também podem ser usados como espreguiçadeiras, os quais ficam na área da piscina. Como se não bastasse, tanto nos quartos como em todo o ambiente aberto, obras de arte enriquecem as instalações, sejam os ovos coloridos e gigantes que ficam na área da piscina, as telas no restaurante, juntamente com uma coleção de bonecas de pano; ou até mesmo no chão, onde o hóspede se depara entre um passo e outro com mandalas, feitas pelo artista local Renan Arimatéia. Diga-se que toda a pousada é decorada com produções artísticas de nativos, potiguares de outras regiões e artistas de outros estados do país. O hóspede sente-se em uma galeria.



Os chalés masters foram projetados pelo arquiteto paulista Kléber Almeida e contam com cerca de 65m² de área, jardim privado e uma jacuzzi com hidromassagem

Com cerca de 10 mil metros quadrados, Ponteiros é a maior pousada de Gostoso, pois, além das acomodações e a diversidade da flora local, existem outros espaços para o turista que a visita, como sala de jogos, biblioteca, pátio para eventos, amplo estacionamento, restaurante, além de um mirante, de onde é possível ver longa faixa da praia e todo o verde da pousada.

A preocupação com a sustentabilidade é tanta que a piscina não é uma piscina qualquer. A piscina é de areia da praia compactada com resina, que proporciona visão semelhante de praias à beira-mar. Como o maravilhoso mar azul das Ilhas Maldivas. Não queima os pés, mesmo quando a borda está seca. Borda que é antiderrapante e não descasca, ideal também para crianças, idosos e pessoas com deficiência física.

Relax

Em meio ao belo coqueiral da pousada o hóspede vai encontrar um mini-spa. Trata-se de um espaço colorido e aconchegante para esquecer do mundo lá fora e relaxar nas mãos de profissionais especializados em massagens indianas.



De São Paulo para Gostoso

Depois de formado em Jornalismo na UFRN, Emanuel Néri chegou a trabalhar por um curto período no jornal Tribuna do Norte, em Natal, antes de se mudar para São Paulo. No Sudeste, construiu vida e carreira. Trabalhou durante anos em redações como a Folha de São Paulo e a revista Veja. Nesse período, esteve sempre presente nas editoriais de política. Ainda mais depois que cursou Ciências Sociais.

Antes da aposentadoria, ainda

atuou por mais 11 anos na diretoria de comunicação de uma empresa de telefonia. Da profissão de vida trouxe para a pousada o aprendizado de como se relacionar com as pessoas, a importância da comunicação com hóspedes e funcionários. Mesmo com a vida feita, sempre teve o desejo de abrir uma pousada na cidade onde viveu a infância, sempre com aquela memória do lugar bucólico. E deste desejo surgiu a Ponteiros.

Apesar da vida de empresá-

rio, o jornalista não largou as letras. Hoje se dedica ao seu blog e a escrever livros. A segunda publicação, “Cabeças do Vento”, faz referência a Gostos, famosa pelos ventos. E conta a saga de sua família. Apesar de terem se conhecido em Touros, cidade vizinha de São Miguel do Gostoso, o pai era de origem italiana e a mãe de uma fazenda no município de João Câmara. A família mudou-se para Gostoso há 80 anos, sendo uma das primeiras a ocuparem a região.

S.O.S. Tourinhos

Com um trabalho voltado para a sustentabilidade, Emanuel Néri iniciou a campanha S.O.S. Tourinhos, que se contrapõe ao turismo predatório na praia que é uma das mais bonitas do País. O cenário é perfeito e repleto de detalhes que nunca passam despercebidos pelos visitantes. Sejam suas águas tranquilas, excelentes para o banho, seja o pôr-do-sol espetacular, e as falésias petrificadas.

Esse cenário, porém, é constantemente ameaçado por pessoas que fazem o uso inadequado da praia, com carros, motos, *buggys* e quadríciclos que passam sobre locais de desova de tartaruga marinha, sobem irresponsavelmente nas falésias, comprometendo, as-



Márcia Procopio Rocuet

sim, a formação construída pela natureza por milhares de anos.

A campanha faz parceria com a prefeitura e comerciantes

na intenção de conscientizar turistas e nativos para que admire, aproveite, mas mantenham a beleza do local.

Pimenta Rosa

Todo o setor de bebidas e comidas da pousada foi terceirizado e quem assumiu a empreitada de manter a qualidade do serviço de hospedagem também na alimentação foi o Restaurante Pimenta Rosa. A proposta é levar ao cliente uma alimentação saudável, sem perder a mão no sabor e na apresentação de cada prato. Nele o

consumidor pode provar da tradicional culinária nordestina a delícias de outras regiões.

O restaurante serve café da manhã – gratuito para hóspedes – e almoço. O serviço não é exclusivo dos hóspedes. É aberto também para visitantes. Aliás, a decoração do ambiente é outro prato agradável de se degustar. Com os olhos.





Turismo soft

Que as praias de São Miguel do Gostoso são tão belas quanto várias outras regiões do RN não é segredo para mais ninguém. Mas, o que a cidade, seus habitantes e comerciantes pretendem diferenciar-se de outros é no tipo de turismo sustentável. De preservação do meio ambiente e dos costumes locais e suas tradições.

Existe a busca pelo crescimento ordenado, respeitando às tradições e a vida dos morado-

res. “A gente procura crescer, sim, mas sempre partindo do objetivo que a cidade não perca sua essência”, destaca Néri.

Por esse motivo que Gostoso se destaca como roteiro para descanso e paz, além da impecável gastronomia, outro atrativo forte do destino que vem conquistando fama no Brasil, inclusive como sucessor da badalação até então exclusiva de Trancoso, na Bahia.

Renda-se!

É bem comum no período do verão as roupas em renda, principalmente renascença, ocuparem lugar de destaque nas vitrines.

As mulheres adoram, fazem questão de comprar e usar. No momento, as rendas tingidas dão ainda mais frescor aos looks, porém o custo é alto por ser um trabalho artesanal

Por Vânia Marinho

Fotos: Alex Costa

A RENDA RENASCENÇA, QUE já ocupou o seu lugar na história, compondo o guarda-roupa da corte e do clero, hoje encanta noivas mais descontraídas.

A renda é um tecido transparente de malha aberta fina e delicada que forma desenhos variados, com entrelaçamento de fios de linho, seda, algodão ou até mesmo ouro.

Elaborada a partir de matéria nobre, tem um custo final bem alto. Com origem em Veneza, na Itália, no século XVI, a renda renascença foi introduzida no Brasil por freiras europeias. O bordado delicado difundiu-se aqui pelas mãos das rendeiras nordestinas, que passam a arte de geração a geração.

Divulgação



Renda Renascença foi introduzida no Brasil por freiras europeias e difundiu-se pelas mãos das rendeiras nordestinas

Sereias vestidas de renda

Casar à beira do mar tem sido a escolha de muitas noivas, pelo menos em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Os vestidos em renda renascença parecem ser os preferidos atualmente. Para saber melhor os segredos da elaboração dessa indumentária, conversei com a *expert* em noivas Alzira Azevedo. Ela conta que não é tarefa das mais fáceis confeccionar vestidos com essa renda, entretanto, cria, corta e modela, contando com um *staff* de primeira, formado oitenta por cento de auxiliares vindas de Caicó, região do Seridó potiguar, município no qual, segundo Alzira, as pessoas têm mais habilidade em lidar com esse material.

Indagada sobre a procura de noivas por vestidos em material tão nobre, Alzira responde que atualmente as noivas estão em busca de mais originalidade, fugindo dos antigos padrões. As peças agradam a uma clientela bem diversificada e de bom gosto. Muitas roupas já foram vendidas para clientes americanos e europeus. Já conhecida em Natal, Alzira é



Renda é um dos tecidos preferidos das noivas brasileiras

sinônimo de produções autorais, principalmente no quesito festas. Trabalhar com rendas é um grande desafio e a designer

deixa uma pergunta no ar, que enche de mistério e curiosidade: Quem sabe a nossa renda de bilro será a nova descoberta?





Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br



Visão de futuro aliada às tradições

Com o olhar irrequieto, o design de interiores Matheus Bulhões está muito além do tempo, com a mente borbulhado de ideias inovadoras, mas sem deixar de lado a história familiar



CADA VEZ MENOS SE vê por aí a boa e velha “cor creme”. É verdade, ela sumiu. Trata-se de uma derivação do dourado, muito mais usado antigamente. Os dois formavam o casal perfeito. O tempo passou e a decoração toda “barroca rococó” foi sendo trocada por linhas mais retas, e o clean virou “tendência”. Mas, hoje, a mistura dos dois é o bacana.

O cinza antigamente era como uma cor triste, fúnebre, sem vida. Atualmente, no entanto, nessa nova era tecnológica, o aço, o cimento e o concreto aparentes estão sendo levados para dentro dos ambientes. A cor cinza, sem dúvida, traz um ar de modernidade e está sempre nas grandes mostras de arquitetura. Já a cor creme, ontem “caqui, hoje é “fendi”.

Com sua voz única, Marisa Monte canta: “...apagaram tudo, pintaram tudo de cinza, só ficou o muro, tristeza e tinta fresca...”. Mas, essa visão do cinza acabou. A cor é chique e sóbria, adapta-se a tudo e tem uma diversa cartela de nuances que vão muito além dos 50 tons. Tem para todos os gostos e sentimentos e, associadas à imensa gama de cores que a natureza nos oferece, podemos dizer que elas completam-se.

O design de interiores Matheus Bulhões, por exemplo, que expressa o futurista aliado a tradições, usa em seus projetos a incorporação da história da família, aproveitando o máximo do acervo de móveis e objetos, sem falar que nesse tempo de crise os orçamentos estão menores, e as reformas mais conscientes.

Matheus Bulhões,
design de interiores





Matheus é daqueles profissionais que carregam em seu coração! Com muita bagagem cultural, currículo repleto de cursos e trabalhos em diversos países, somados a uma pegada cosmopolita, ele é, antes de tudo, um observado da história das tradições e dos movimentos culturais do Brasil e do mundo.

Saiu de Natal há 10 anos para a High School no Canadá, na Nova Escócia. Sobrinho do famoso arquiteto potiguar Ubiraja Galvão, que foi um ícone da sua geração, Matheus, logo que voltou do Canadá começou a aprender desenho e perspectiva com o mestre. Iniciou o curso de arquitetura, mas não deu continuidade.

Foi, então, morar na Suíça. Lá surgiu a paixão pela arte, onde aflorou arquitetura. Temporada em que fez cursos de francês, belas artes e viajou para conhecer inúmeras galerias de arte pelo mundo. Na Itália, estagou em uma construtora de pré-fabricados. De volta ao Brasil, foi estudar em São Paulo, onde também fez curso de design de interiores, no Instituto Europeu de Design. E estagiou no escritório do arquiteto estrelado David Bastos. Aprendeu que valorizar as raízes é um pilar fundamental em seus projetos.

“A arquitetura é trazer a essência da pessoa para dentro de casa”, atesta.



OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com

COMO UMA TELA

Há lugares no Brasil e no mundo que são tão bonitos, tão pitorescos, que até parecem telas. Dessas pintadas por grandes artistas. Porém, alguns não só parecem, mas de fato são. Paisagens que inspiraram pintores dos mais renomados no passado e que hoje dão a quem as visita a sensação de estarem dentro de uma delas. Entre pinceladas de Tarsila e Picasso.



A Enseada de Botafogo inspirou Tarsila do Amaral em "Rio de Janeiro"



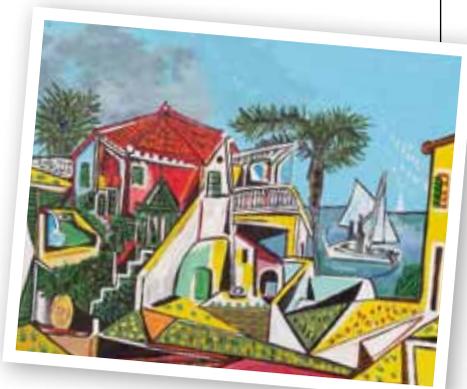
Veneza, Étretat e os jardins da sua casa (Giverny) inspiraram a obra de Monet



Em "A Onda", xilogravura de Hokusai, uma das vistas do Monte Fuji



Anita Malfatti estava na ilha americana de Monhegan quando pintou "O Farol"



A Riviera Francesa foi a inspiração de Pablo Picasso em "Paisagem mediterrânea"

NINGUÉM MERECE OUVIR NOTÍCIA CHATA NA VOLTA PARA CASA.

Mude de companhia no começo da noite.

Esqueça o trânsito parado
e os problemas do dia-a-dia
sem deixar de saber o que é notícia.

Você tem o direito.

Ninguém precisa ser chato
para lhe contar o que está
acontecendo.



ELIANA LIMA



CIRO PEDROZA

BATE PAPO NA CIDADE

Segunda a sexta

18h

Notícia com inteligência, interatividade, bom humor e sem chatice.



Participe: **9 8181 9720**  #batepaponacidade

PORTA-RETRATOS

Fotos Paulo Lima/Brasília

Foi com recheio de emoção que Jaqueline Lira e Francisco Teles juraram amor eterno na celebração presidida pelo pastor Iron. Depois da troca de alianças, tilintares com borbulhas festejaram o casal no Esplendor Hall, na capital brasileira. Ocasão com delícias e decoração do próprio local da cerimônia. Bolo, doces e moquete assinados por Maria Amélia. Cerimonial sob a batuta de Ariana Matiello. Nas picapes, o DJ Thiago.



Maria José e José Graça Camelo, Jaqueline, Francisco, Cremilda e Elizeu Teles



Paulo e Cláudia Marins



Mayta Sperling entre o casal Lurdinha e Josiel Santos



Mariana Lima, Maria Eduarda Freire e Ingrid Ribeiro



Denise e Senador Garibaldi Alves, Aldenira e José Wilde Oliveira



Edilson e Auxifran Alves



Yasmin, Roberto, Socorro e Ingrid Goes



Flávio e Cleide Lemos



Kleiton, Josélio e Francisco Divino



Raimundo e Josy Leite, Maristela e Vicente Freire



Sívio e Lira Wesley



Andréa Campelo Feitosa, Marcelo Feitosa, Jaqueline e Francisco

FOLIA NA REPÚBLICA

Fotos João Neto

O veranista Iury Bagadão pilotou mais um carnaval de sucesso na chama República Collorida de Jacumã, praia do litoral norte do RN que concentra chiques e famosos da terrinha. Chamada de Republicana, a folia deste ano foi embalada pelas bandas Dubê e Mesa 12.



Os irmãos **Victor e Roberto Varella**



Dono da festa, **Yuri Bagadão** e a namorada **Flávia Pípolo**



Cecília Cirne e Marcelo Alff



Ana Karolina e Luciano Rebello



Teysa Freire e Eduardo Motta



Marília Shelman e Cassiano Caldas



Magda Carrilho e Nilton Torres



Laurita Arruda e Henrique Alves



Larissa Luana e Arturo Arruda



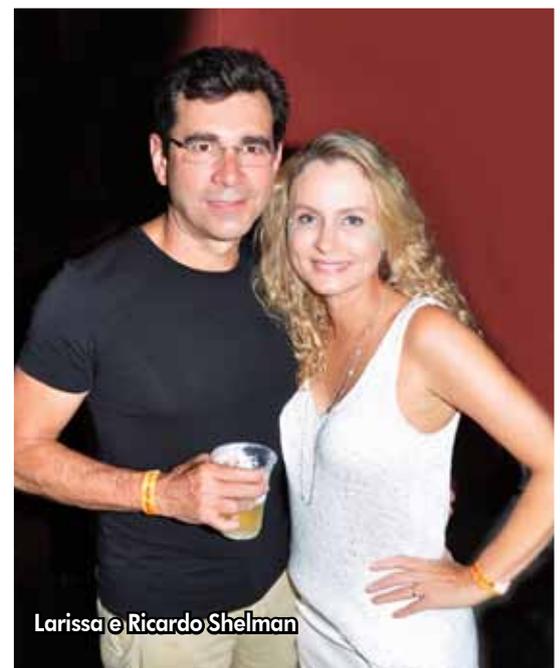
Fernanda e Flávio Galvão



Yasha Barros e Ivanoide Maia



Renata Santa Rosa e Elísio Araújo



Larissa e Ricardo Shelman

HOLOFOTES

Fotos: João Neto

Capa da edição de fevereiro da Bzzz, a empresária Tereza Tinoco - ícone potiguar de moda, beleza, elegância e empreendedorismo - recebeu em sua 'maison' de moda chiques e bacanas em torno da revista. Final de tarde e início de noite regados a delícias saudáveis e o drinque Clericot, inclusive com um toque secreto da anfitriã. Oca-sião prestigiada pelo deputado federal bonitón Rafael Motta (PSB) e o ex-governador capixaba Renato Casagrande. A edição traz matéria sobre a vida e obra de Clóvis Motta, avô de Rafael, político, boêmio, intelectual e amigo de João Goulart



Tereza Tinoco observa o sucesso



Recebendo o deputado Rafael Motta e Renato Casagrande



Delicinhas fit



Mãe da anfitriã, Marlene Tinoco recebe Líbia Barreto



Com Leonardo Dantas, que assinou a matéria, e Eliana Lima, editora da Bzzz



Luxo



O versátil Toinho Silveira ao lado das primas Dilza e Dalva Oliveira (que veio de Paris para temporada em Natal)



Com Veruska Borges



Com Mildred Dore e a deputada Cristiane Dantas



Com Isabela Barbalho Véloso, Valéria Cavalcanti, Cristina Pinto



A elegância de Zélia Madruga



Márcia Marinho, Adriane Oliveira e a filha Mariane



Equipe TT: Isa Pessoa, Lúcia Lima, Berg Lima, Vanusa Freire



Simone Silva entre os primos bonitóns Jener e Gutemberg Tinoco



Sibele Queiróz Alves



Irmã da anfitriã, Lorena Tinoco recebe Wanda Fernandes e Maristela Freire



As belas Tatyana Bulhões, Tínesa Emerenciano, Cyndra Potiguar



Com a equipe Vanusa Freire e Isa Pessoa, TT recebe a bela-chíquima Uiané Pinto



Cláudia Gallindo, Jener Tinoco, Jarbas Bezerra, Angela Pinheiro



Leise Medeiros, Milena Martins Barreto e Cristiane Dantas atentas às páginas Bzzz

Raniere Barbosa
Vereador, presidente da Câmara Municipal de Natal e
presidente da Federação das Câmaras Municipais do RN



POR UM LEGISLATIVO MAIS FORTE E REPRESENTATIVO

A Federação das Câmaras Municipais do Rio Grande do Norte (Fecam-RN) nasceu com o propósito de unir os parlamentos das 167 cidades potiguares para que, juntos, pudessem buscar melhorias para os seus municípios, capacitando seus vereadores e qualificando o serviço prestado por cada um deles ao nosso povo.

O tempo passou, e já se vão 12 anos da fundação da entidade. O início promissor, com a instalação de telecentros em diversas regiões do Estado entre outras ações, ficou para trás. Nos últimos anos, a Fecam-RN acabou se transformando, erroneamente, em uma coadjuvante no cenário político potiguar.

Há pouco mais de dois meses, assumimos o desafio de reerguer a Federação e colocar a Fecam-RN no lugar que ela merece, como referência para vereadores e municípios potiguares. Neste curto espaço de tempo, já firmamos importante parceria junto a Caixa Econômica Federal, com o objetivo de receber computadores para equipar as casas legislativas.

Também estamos instalando, em todas as regiões do Estado, seus respectivos parlamentos comuns, como já existe de forma exitosa entre as Câmaras Municipais do Potengi. O

objetivo é deixar a Fecam-RN ainda mais próxima dos munícipes, sendo uma espécie de porta-voz da povo potiguar nas suas mais variadas reivindicações. Já estivemos em Santa Cruz, Mossoró, Lajes, São Paulo do Potengi e João Câmara, instalando os parlamentos do Trairi, Oeste, Central, Potengi e do Mato Grande, respectivamente. E não paramos por aí. A Fecam-RN firmou uma parceria com a União dos Vereadores do Rio Grande do Norte (Uvern) Como representante das Câmaras Municipais do Estado, nada mais natural que tenha entre seus principais aliados os próprios vereadores representados pela Uvern.

Importante destacar ainda que, neste curto prazo à frente da Federação, conseguimos conquistar o apoio de importantes Câmaras Municipais que estavam afastadas da Fecam-RN nas últimas gestões, como é o caso de Macaíba, São Gonçalo do Amarante, Parnamirim e Assu. Filiações que vieram a fortalecer ainda mais a nossa instituição.

Em parceria com o Tribunal de Contas do Estado (TCE), a Fecam realizou um Seminário de Orientação aos Gestores de Câmaras Municipais, oportunidade na qual os presidentes das casas legislativas puderam tirar dúvidas

e esclarecer questionamentos a respeito do correto funcionamento de suas instituições, com foco voltado para a transparência e o total cumprimento da legislação. Aliás, a palavra transparência, para nós, é fundamental. Por isso, disponibilizaremos em nosso novo site um espaço dedicado a informações de cada Câmara, em cumprimento ao que já determina nossa legislação. Também estaremos permanentemente presentes nas redes sociais, em comunicação direta com os potiguares, não apenas divulgando nossas muitas atividades mas, também, prestando contas a população do trabalho que estará sendo realizado.

Mas tudo isso é apenas o começo. A Fecam-RN está, aos poucos, voltando ao patamar de respeito e representatividade que merece. Durante o ano de 2017, serão muitas as ações por todo o Estado. Nos próximos meses estaremos concluindo a instalação dos demais parlamentos, que em breve começarão a discutir pautas comuns em suas regiões. No futuro, poderemos sentar todos juntos para debater estes problemas e buscarmos soluções. Unidos, tenho certeza, seremos ouvidos por todos os poderes do Estado. Somos um verdadeiro exército de vereadores a favor do Rio Grande do Norte. E nosso quartel general é a Fecam-RN.

COM UM OLHAR MAIS MODERNO,
AMPLIAMOS A NOSSA VISÃO.



CÂMARA MUNICIPAL DE NATAL

A CASA DO POVO, A SUA CASA.

A Câmara Municipal de Natal está mais moderna e pronta para acompanhar as grandes mudanças e desafios da nossa cidade. Com uma nova identidade visual, a CMN se aproxima ainda mais da população através de novas ferramentas, como um site interativo, portal da transparência, e-SIC, ouvidoria e nova programação da Rádio e TV Câmara.



camaranat



cmnatrn



@camaranatal

ASSISTA TV CÂMARA
CANAL 51.4 (DIGITAL ABERTO)
CANAL 10 (CABO)

ACESSE
www.cmnat.rn.gov.br



Indispensável

AGORA EM NATAL, UNIMED AEROMÉDICA
Exclusivo para você, cliente Unimed Natal.

Ser cliente Unimed Natal é contar sempre com o melhor. Acesse a sua área do beneficiário e consulte as condições para adesão. Em caso de dúvidas, ligue 3220.6200 ou acesse www.unimednatal.com.br



CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.

